



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

FABÍOLA MARIA MOREIRA DOS SANTOS

DIÁLOGOS SOCRÁTICO-PLATÔNICOS E INTERDISCIPLINARIDADE NO
ENSINO DE FILOSOFIA NA EJA

FORTALEZA

2024

FABÍOLA MARIA MOREIRA DOS SANTOS

DIÁLOGOS SOCRÁTICO-PLATÔNICOS E INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO
DE FILOSOFIA NA EJA

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade Federal do Ceará como requisito final para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Ensino de Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Joatan Freitas Santos Junior

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S235d Santos, Fabíola Maria Moreira dos.
Diálogos socrático-platônicos e interdisciplinaridade no ensino de Filosofia na EJA /
Fabíola Maria Moreira dos Santos. – 2024.
87 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte,
Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2024.

Orientação: Prof. Dr. Francisco Joatan Freitas Santos Junior.

1. educação. 2. ensino de Filosofia. 3. interdisciplinaridade. 4. verdade. I. Título.

CDD 100

FABÍOLA MARIA MOREIRA DOS SANTOS

DIÁLOGOS SOCRÁTICO-PLATÔNICOS E INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO
DE FILOSOFIA NA EJA

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade Federal do Ceará como requisito final para obtenção do título de Mestra em Filosofia. Área de concentração: Ensino de Filosofia.

Aprovada em: 08 / 07 / 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Joatan Freitas Santos Junior (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ricardo George de Araújo Silva
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Prof^a. Dr^a. Gildênia Moura de Araújo Almeida
Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC)

Prof. Dr. Osterne Nonato Maia Filho
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Aos meus pais, por seus amores incondicionais, que me permitiram ter uma vida livre.

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores José Carlos e Ada Keoef, por me ensinarem sobre a vida tranquila e as novas Filosofias.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

Esta pesquisa teve como tema o ensino de Filosofia na EJA e o seu objetivo geral consiste em pensar uma metodologia para facilitar a aprendizagem dos conteúdos de Filosofia no CEJA. A metodologia aplicada visa suscitar a reflexão e a discussão sobre o horizonte dialógico socrático-platônico, adotando um estudo analítico-exploratório das referências bibliográficas e das fontes documentais. A referência teórica desta pesquisa está na Filosofia de Platão, mais especificamente na “Alegoria da caverna”, que narra a ascensão ao mundo das ideias verdadeiras, além das sombras e das ilusões. Baseia-se também na pedagogia de Paulo Freire, pelas contribuições dadas à Educação de Jovens e Adultos. Estudos bibliográficos e observação da dinâmica do ensino de Filosofia no Centro de Educação de Jovens e Adultos Raquel Castro e Silva de Miranda permitiram a realização desta pesquisa. No centro, o ensino nesta modalidade acontece por área de conhecimento e no modelo interdisciplinar. Consideramos que a Filosofia é capaz de libertar da condição de ignorância em que os homens vivem, os seus ensinamentos levam ao conhecimento da verdade e a sua presença no currículo da educação básica, traz luz para o ensino e a aprendizagem das demais ciências. Acreditamos que o ensino de Filosofia pode levar ao conhecimento da essência das coisas, que ele seja o despertar para uma educação alicerçada na verdade, capaz de formar cidadãos críticos e participativos na construção de um Estado ideal. Esta pesquisa teve como produto um plano de ensino de Filosofia para a Educação de Jovens e Adultos.

Palavras-chave: educação; ensino de Filosofia; interdisciplinaridade; verdade.

ABSTRACT

This research has as its theme the teaching of Philosophy at EJA and its general objective is to think of a methodology to facilitate the learning of Philosophy content at CEJA. The methodology applied aims to encourage reflection and discussion on the Socratic-Platonic dialogical horizon, adopting an analytical-exploratory study of bibliographic references and documentary sources. The theoretical reference of this research is in Plato's Philosophy, more specifically in the "Allegory of the Cave", which narrates the ascension to the world of true ideas, beyond shadows and illusions. It is also based on Paulo Freire's pedagogy, for the contributions made to Youth and Adult Education. Bibliographical studies and observation of the dynamics of Philosophy teaching at the Raquel Castro e Silva de Miranda Youth and Adult Education Center allowed this research to be carried out. At the center, teaching in this modality takes place by area of knowledge and in the interdisciplinary model. We consider that Philosophy is capable of freeing us from the condition of ignorance in which men live, its teachings lead to the knowledge of the truth and its presence in the basic education curriculum, bringing light to the teaching and learning of other sciences. It is believed that the teaching of Philosophy can lead to knowledge of the essence of things, that it is the awakening to an education based on truth, capable of forming critical and participatory citizens in the construction of an ideal State. This research has as its product a Philosophy teaching plan for Youth and Adult Education.

Keywords: education; teaching Philosophy; interdisciplinarity; true.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	O ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL E NA EJA	17
2.1	História da Filosofia e do seu ensino	17
2.2	A contribuição da Filosofia para a EJA	28
3	ENSINO DE FILOSOFIA E INTERDISCIPLINARIDADE NO CEJA RAQUEL CASTRO E SILVA DE MIRANDA	39
3.1	Metodologia da pesquisa e caracterização da escola	39
3.2	Uma abordagem interdisciplinar dos conteúdos de Filosofia	46
4	A FILOSOFIA SOCRÁTICO-PLATÔNICA E A EJA	58
4.1	A Filosofia socrático-platônica como método de ensino	58
4.2	A relação entre a “Alegoria da caverna” e o conhecimento	64
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
	REFERÊNCIAS	83
	APÊNDICE A – PLANO DE TRABALHO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NO CEJA RCSM	86

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no ensino médio conta com a presença da Filosofia na área de Ciências Humanas, o que significa condição de interlocução com as outras disciplinas, por meio da interdisciplinaridade, e facilita a compreensão dos conceitos pelos alunos, viabilizada por diálogos argumentativos. Esta pesquisa teve como referencial teórico os diálogos socrático-platônicos e a pedagogia de Paulo Freire, em suas obras: “Pedagogia da autonomia” e “Pedagogia do oprimido”. Além disso, considera o processo de interdisciplinaridade, que promove o diálogo entre as disciplinas e os atores da aprendizagem, superando a fragmentação do ensino.

Esta pesquisa teve como problema a dificuldade dos estudantes em aprender os conteúdos de Filosofia ensinados na EJA. Por que os estudantes sentem dificuldades? Será que o problema é metodológico?

Como possibilidade de facilitar o ensino e a aprendizagem dos conteúdos de Filosofia na EJA, propomos o desenvolvimento de uma metodologia capaz de promover essa compreensão, pautada no diálogo entre professores e no protagonismo estudantil. Tal ação se apresenta como forma de aperfeiçoar a metodologia adotada no CEJA Raquel Castro e Silva de Miranda (RCSM), que se caracteriza pela pouca interação entre professores e alunos, pela dificuldade que eles demonstram em aprender os conteúdos e pela aplicação das provas com base nos módulos estudados. Nessa escola, o ensino é semipresencial: os estudantes tiram as dúvidas dos conteúdos e fazem provas. O foco dos atendimentos educacionais dos CEJAs está na certificação das etapas de ensino fundamental e médio.

O primeiro capítulo desta pesquisa contou a história do ensino de Filosofia na última etapa da educação básica no Brasil e na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. O estudo da Filosofia representa a possibilidade de conhecimento da realidade em sua totalidade, por meio da sua historicidade e da relevância dos seus temas, promovendo o aumento da capacidade leitora e interpretativa dos estudantes, tornando-os ativos no processo de construção das suas aprendizagens.

Os conhecimentos filosóficos representam a possibilidade do despertar da consciência crítica dos estudantes, por meio das interlocuções com os colegas em sala de aula e com os professores, para que possam desenvolver sua criticidade, conhecer o seu contexto histórico e compreender o que marcou o seu surgimento e a

sua importância para o entendimento dos temas da vida humana, fazendo a ressignificação dos conteúdos ensinados.

Refletir sobre o ensino de Filosofia na EJA traz em si as condições necessárias para a formulação de conceitos, além de representar a capacidade de promover o desenvolvimento da consciência crítica dos estudantes: o seu estar e pensar no mundo e as possibilidades de exercício pleno da sua cidadania.

Para melhorar a compreensão leitora dos estudantes e favorecer suas aprendizagens quanto aos conteúdos filosóficos ensinados, suas reflexões e manifestações de seus pensamentos, é fundamental que o professor possa se utilizar dos processos interdisciplinares. Estes podem promover a interação entre as demais disciplinas e os transdisciplinares, incluindo temas que perpassam o currículo. No currículo escolar, a Filosofia requer uma comunicação com as outras disciplinas e com os temas que são relevantes para a sociedade.

A Filosofia foi inicialmente sugerida pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) como disciplina da parte diversificada do currículo, indicada como tema transversal nos “Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)” (Brasil, 1998). Embora houvesse a intencionalidade do seu retorno enquanto disciplina obrigatória no currículo, não havia uma sistematização dos seus conteúdos e nem uma análise pedagógica que fizesse a articulação desse saber com as demais áreas do conhecimento.

Com a obrigatoriedade da disciplina de Filosofia no currículo da educação básica de todo o país (lei nº 11.684/2008), educadores foram convidados a repensar sua prática docente em relação à aplicabilidade da disciplina, que não deveria ser entendida como irreal e complexa para os estudantes, mas como ferramenta que possibilita uma compreensão melhor do mundo de forma a tornar a aprendizagem significativa.

É importante reiterar que a aprendizagem significativa se caracteriza pela interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos, e que essa interação é não literal e não arbitrária. Nesse processo, os novos conhecimentos adquirem significado para o sujeito e os conhecimentos prévios adquirem novos significados ou maior estabilidade cognitiva. (Moreira, 2010, p. 2).

Assim, a aprendizagem significativa ocorre quando uma nova ideia se relaciona aos conhecimentos prévios em uma situação relevante para o estudante,

proposta pelo professor. Nesse processo, o estudante amplia e atualiza a informação anterior, atribuindo novos significados a seus conhecimentos.

A “Base Nacional Curricular Comum” (BNCC – Brasil, 2018) aponta para o avanço na compreensão dos meios envolvidos no processo de aprendizagem e a necessidade de reflexão sobre os desafios impostos na atualidade e indica a importância de considerar concepções mais sistêmicas no que se refere à construção do conhecimento e à formação humana. Assim, propõe um currículo que transcende a mera seleção dos conteúdos a serem ensinados, instituindo princípios que orientam a intencionalidade da ação pedagógica e promovendo a formação de um sujeito capaz de intervir em seu meio social.

A partir da obrigatoriedade da disciplina de Filosofia no currículo, surgiram consideráveis desafios no seu fazer educacional. Todavia, o primeiro desses seria responder à comunidade educacional, o que é Filosofia e qual a sua utilidade na vida em sociedade. Outro desafio seria a não aceitação das coisas, das ideias, dos fatos, das situações, dos valores e dos comportamentos de nossa existência, como naturais, óbvias e evidentes.

Historicamente, a inclusão da disciplina em destaque no ensino médio, deu-se através da lei nº 11.684/2008, que alterou o artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, nº 9.394/96). Como forma de contemplar a modalidade pesquisada, como também o artigo 37 da mesma lei, que entende a EJA como modalidade de ensino destinada aos que não tiveram acesso ou continuidade dos estudos nas etapas fundamental e médio na idade própria.

Por último, a lei nº 13.415/2017, que também alterou a LDB e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple a BNCC e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, através de itinerários formativos focados nas áreas do conhecimento e na formação técnica e profissional.

O segundo capítulo da dissertação tratou do ensino de Filosofia na EJA por meio da abordagem interdisciplinar, em específico no CEJA Raquel Castro e Silva de Miranda, onde a Filosofia é ensinada dentro da área de Ciências Humanas, de modo que exista uma proposta de diálogo com as demais disciplinas da área e com os professores em seus planejamentos coletivos, para que discutam e reflitam sobre a

eficácia da metodologia aplicada nesta escola, no que diz respeito à aprendizagem e as possibilidades de mudanças.

O problema apresentado pela pesquisa diz respeito ao desenvolvimento de uma metodologia para o ensino de Filosofia na EJA, uma metodologia, que garanta uma aprendizagem dialógico-argumentativa e interdisciplinar; que tenha característica significativa; que oportunize o protagonismo estudantil e o desenvolvimento do senso crítico, da criatividade e da expressividade dos estudantes, para que atuem no mundo com sabedoria e justiça, utilizando os conhecimentos adquiridos na vida e que por meio deles sejam capazes de transformá-la.

Para tanto, considera-se o que os filósofos e estudiosos da Filosofia construíram a respeito dessa ciência, destacando que o fazer filosófico tem bases históricas e que o seu trajeto segue o da história da Filosofia. Propõe-se, portanto, um ensino de Filosofia que supere o modo no qual professores pedem que os alunos pensem e reflitam sobre os problemas que os afligem ou que preocupam o homem moderno, sem oferecer-lhes a base teórica para o aprofundamento e a compreensão de tais problemas e sem recorrer à base histórica em tais questões.

Assim, ensino de Filosofia na EJA parece ser um desafio, no sentido de proporcionar aos alunos uma aprendizagem na qual eles sejam os protagonistas, tendo para eles uma forma significativa, que os ajude a pensar e conhecer verdadeiramente. Entendemos que a presença da Filosofia na educação escolar abre os caminhos para o desenvolvimento do espírito crítico, para o surgimento da dúvida metodológica e, sobretudo, para a reflexão.

O terceiro capítulo, dissertou sobre o desenvolvimento de uma metodologia que tenha base dialógico-argumentativa interdisciplinar e oportunize o protagonismo dos estudantes na construção das suas aprendizagens, no sentido de superar as dificuldades apresentadas no que diz respeito à compreensão dos conceitos filosóficos ensinados.

Uma metodologia que tenha uma base filosófica argumentativa-dialógica, na qual os professores do CEJA Raquel Castro e Silva de Miranda possam discutir em seus planejamentos de área sobre as metodologias adequadas para o ensino da Filosofia, através da sua história e pela relevância dos seus temas, tais como: a ética e a epistemologia. Discutir a possibilidade de promover um ensino pautado na interação entre professores e estudantes, no desenvolvimento de suas autonomias e estimular as suas reflexões sobre os saberes estudados.

O exercício do pensamento sobre os conhecimentos filosóficos pode possibilitar aos estudantes a compreensão dos demais tipos de conhecimentos, atribuindo a estes significados para a vida e tendo por base o diálogo entre os outros tipos de saberes. Desse modo, a atividade do professor é ensinar ao estudante a filosofar, exercitar a sua capacidade cognitiva pela busca da verdade, facilitar uma melhor compreensão da realidade vivida e ser capaz de produzir conceitos.

Esta pesquisa pretende fazer um apanhado bibliográfico dos conhecimentos filosóficos e as implicações advindas do seu ensino, que em toda a história da humanidade afirmou-se e afirma-se como um saber útil e necessário para se estabelecer reflexões sérias e sistemáticas sobre toda e qualquer área do conhecimento escolar e da vida, considerando os seus mais diversos graus de significação. Faremos também um estudo analítico-exploratório sobre o ensino de Filosofia no CEJA Raquel Castro e Silva de Miranda e propomos um plano de ensino da disciplina como produto desta pesquisa.

Compreendemos que o desafio do ensino de Filosofia, não somente na modalidade de EJA, mas na educação escolar como todo, enquanto processo pedagógico e de conhecimento, se dá pela discussão e aplicabilidade da “reinvenção” na educação. A percepção advinda do saber filosófico permite o entendimento, a compreensão e a transformação das complexas estruturas das escolas de educação básica de todo o nosso país. Dessa forma, cabe à escola e aos professores propor alternativas para um ensino significativo, de caráter argumentativo-reflexivo e que faça a inter-relação com os saberes apresentados no currículo da educação básica.

A identidade do professor baseia-se na articulação entre os saberes que possui nas áreas do conhecimento, com os saberes da experiência pedagógica. Fundamentando a ideia de que o professor-educador é capaz de refazer a sua prática, refletindo cotidianamente sobre o seu fazer, visto que o ensino e a pesquisa não se dissociam da atividade docente e que o processo ensinar e aprender também são indissociáveis.

Esta pesquisa teve como objetivo geral: pensar uma metodologia para facilitar a aprendizagem dos conteúdos de Filosofia na Educação de Jovens e Adultos e como objetivos específicos: contextualizar historicamente o ensino de Filosofia; compreender as dificuldades dos estudantes e elaborar um material que possibilite o ensino-aprendizagem de Filosofia no CEJA RCSM.

Como forma de implementação desta pesquisa, foi feita uma análise das condições que o ambiente escolar do CEJA Raquel Castro e Silva de Miranda (RCSM) possui para a reflexão filosófica, visto que a Filosofia é uma disciplina que dispõe de recursos valiosos para proporcionar aos estudantes um tipo de conhecimento que ultrapasse as informações superficiais e efêmeras da realidade e que os possibilite transformá-la. A sugestão é que essas reflexões sobre a metodologia de ensino de Filosofia sejam feitas nos planejamentos coletivos da área de Ciências Humanas.

O resultado desta pesquisa pretende provocar nos professores e nos estudantes de Filosofia da EJA, a reflexão sobre a capacidade que possuem para desenvolver posturas filosóficas, que representem a possibilidade de fuga do processo alienante, posturas capazes de construir seres autônomos e conscientes, de pensar e de realizar ações transformadoras das suas realidades.

A abordagem dos conteúdos de Filosofia, de acordo com esta pesquisa, pretendeu aplicar uma metodologia de ensino adequada para a EJA, que facilite as aprendizagens e torne os estudantes capazes de dialogar com os desafios da sociedade contemporânea. Essa metodologia foi fundamentada nos diálogos argumentativos socrático-platônicos, escritos no livro VII de “A República” de Platão (1993) e na “Metodologia do ensino de Filosofia”, proposta por Silvio Gallo (2012).

O ensino de Filosofia sugere uma pedagogia de construção dos saberes, que aponte para os estudantes, no final da educação básica, condições de reconhecer e confrontar as diversas situações por meio de enfoques para o diálogo crítico, fundamentado e consciente, evitando assim, um discurso meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo a ser aprendido.

A Filosofia se afirma como um saber capaz de provocar a inter-relação entre as outras disciplinas da área de Ciências Humanas, suas reflexões representam o caminho para a construção da autonomia dos estudantes, o seu pensar autêntico e a sua contribuição para o mundo em que vive.

Ressaltamos que a fundamentação pedagógica da Filosofia na EJA não se apresenta dissociada do contexto da educação básica. O estudo desta disciplina torna-se evidente e necessário não apenas nesta modalidade, mas em todo o processo educacional, enquanto compreensão e efetivação da sua função social, política e educacional no Brasil.

Com destaque para a interdisciplinaridade, isto é, processo pedagógico que perpassa por outras disciplinas que constituem o currículo da educação, não cabe

premissas sustentadas no senso comum, ao pensar essa possibilidade apenas com relação à área das Ciências Humanas, excluindo a interação com as outras áreas. Visto que a Filosofia contribui diretamente para a produção crítica, social, educacional, profissional e científica dos estudantes.

O conhecimento filosófico pode proporcionar aos estudantes da EJA uma aprendizagem que seja prazerosa e significativa, que os ajude a pensar e a conhecer melhor o mundo. Esses conhecimentos podem abrir os caminhos para o desenvolvimento do espírito crítico e para o surgimento da dúvida e da reflexão.

A Filosofia pode ser fundamental ao processo de aquisição dos conhecimentos, pois é aberta, flexível e não se limita a nenhum nível de escolaridade, porém exige uma postura socrática e disciplina intelectual. O seu ensino gera um pensamento filosófico e um conhecimento de mundo de forma crítica e coerente.

O professor de Filosofia deve (re)significar os temas estudados, compreender a proposta filosófico-educacional e saber operacionalizá-la em sala de aula. E através do diálogo investigativo, levar o aluno ao conhecimento de si mesmo. O conteúdo das discussões dessa disciplina deve ser tirado da vida cotidiana e deve questionar os modos de vida e a sociedade.

O ideal é que o professor de Filosofia se utilize de metodologias que levem os estudantes a reconhecer que o foco do ensino não é a resposta às questões e problemas e sim uma disposição para o empreendimento de uma busca compartilhada de questionamentos e investigações e que tornem o aluno protagonista desse processo.

O processo de ensino e aprendizagem de Filosofia na EJA pode representar a possibilidade de organização das ideias e do desenvolvimento de atitudes e valores necessários para uma postura crítica e ativa perante o mundo, fatores essenciais para a formação do cidadão.

Esta pesquisa em ensino de Filosofia na EJA propõe uma metodologia que promova a aprendizagem dos conteúdos de Filosofia ensinados no ensino médio. Pela disciplina ser componente do currículo da educação básica, possui em seu referencial teórico a existência de um suporte legal que faz dela componente curricular obrigatório. Aqui podemos citar a BNCC, que normatiza a aprendizagem e o desenvolvimento que os alunos devem apresentar ao longo da educação básica, assegurando seus direitos em conformidade com a LDB.

O referencial teórico-metodológico desta pesquisa foi o método socrático-platônico e a pedagogia de Paulo Freire. O método platônico voltado para o indivíduo e tem a argumentação dialógica como ferramenta básica para a construção do conhecimento. Já a pedagogia freiriana aposta em uma ação educativa e utiliza o espaço da escola para, coletivamente, promover o protagonismo estudantil, esclarecer as dúvidas dos alunos, criar situações de debates na escola, produzir conceitos e mapas mentais. Tudo de forma coletiva e a partir da dinâmica adotada pelo professor, que tem como princípio a aprendizagem e, por isso, facilita a comunicação e a interação entre professores e alunos.

Entendemos que argumentar é a capacidade de fazer perguntas, pois a Filosofia começa com uma boa pergunta. Esse tipo de abordagem é uma das mais ricas e eficazes metodologias que se apresentam como condição para o aprendizado filosófico. Sem a argumentação e a problematização, as aulas se tornam demasiadamente pragmáticas e minimizam a participação dos alunos.

O diálogo é utilizado como método de aprendizagem da Filosofia desde os gregos antigos. Sua significação pode ser interpretada como a troca ou a discussão de ideias que tenham a finalidade de elucidar conceitos. Outro instrumento pedagógico capaz de tratar dos temas filosóficos é o do imaginário popular dos contos, mitos e lendas, pois representam o dinamismo necessário para o filosofar, considerados meios didáticos desde o período áureo da *Paideia* grega¹.

O recomendado é que o professor tenha postura socrática e se utilize da maiêutica², no sentido de reconhecer que o foco do ensino de Filosofia não é a resposta às questões e problemas, mas sim uma disposição para o empreendimento de uma busca compartilhada de questionamentos e investigações, ou seja, de novas ideias.

¹ A compreensão originária da *Paideia* grega sempre acompanha a formação de educadores e de pesquisadores em Educação. Trata-se de um tema que nos remete às origens da Educação e da compreensão do discurso filosófico e político sobre a Educação e suas dimensões. Apresenta-se a *Paideia* como princípio fundante voltado para o entendimento da formação social, política e cultural do povo grego a partir da problemática em torno da constituição histórica e filosófica dessa matriz Educacional. (Fonseca, 1998, p. 4).

² Maiêutica é outro elemento essencial do Método Socrático. É a arte intelectual de trazer à tona as ideias e conhecimentos latentes em uma pessoa. Sócrates se comparava a uma parteira que, apesar de ser estéril em termos de seu próprio conhecimento, poderia ajudar os outros a dar à luz seus pensamentos. Esta parte do método envolve uma série de perguntas e respostas que desafiam suposições e levam o interlocutor a um entendimento ou realização mais profunda. O objetivo não é ensinar informações, mas guiar os outros na descoberta de verdades por si mesmos. (Phillips, 2009, p. 39).

A pesquisa se orientou pelo horizonte dialógico socrático-platônico, adotou um estudo analítico-exploratório das referências bibliográficas e das fontes documentais. Para a realização desta, foi feito um estudo bibliográfico sobre o ensino de Filosofia na EJA, mais especificamente no CEJA Raquel Castro e Silva de Miranda. A sua aplicabilidade metodológica facilitará não só a aprendizagem dos conteúdos estudados por parte dos alunos, como também o seu contato com toda a diversidade de saberes filosóficos e científicos presentes no contexto escolar.

Para esta pesquisa foram consideradas as contribuições dos filósofos gregos clássicos para o ensino de Filosofia, visto que esta se propõe a adotar uma metodologia com base nos diálogos argumentativos e na abordagem interdisciplinar, com destaque para as contribuições teóricas de Platão (1993), em sua obra “A República” (livro VII – “Alegoria da caverna”) e de Paulo Freire, com as obras “Pedagogia da autonomia” (2022) e “Pedagogia do oprimido” (1987). As suas abordagens quanto ao processo ensinar e aprender despertaram para o pensar em um método de ensino que promova a aprendizagem dos conteúdos filosóficos através da argumentação dialógica e da interdisciplinaridade na Educação de Jovens e Adultos.

2 O ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL E NA EJA

2.1 História da Filosofia e do seu ensino

A história da Filosofia é o estudo do desenvolvimento do pensamento humano desde as origens da Filosofia na Grécia Antiga até as várias correntes e movimentos filosóficos que surgiram há séculos. De acordo com a História, a Filosofia tem a seguinte evolução: inicia-se na Antiguidade, com a Filosofia Antiga, entre os séculos VII a.C. a V d.C. nas colônias gregas da Ásia Menor. Os mais importantes pensadores foram: Tales, Pitágoras, Sócrates, Platão e Aristóteles. Eles exploraram questões sobre a natureza, a ética, o conhecimento e a política.

Afirmam os historiadores da Filosofia que esta possui data e local de nascimento: nasceu entre o final do século VII a.c. e o início do século VI a.C., nas colônias gregas da Ásia Menor – particularmente as que formavam a Jônia –, e o primeiro filósofo, Tales, era natural de Mileto. Além da data e do local, a Filosofia também possui, ao nascer, um conteúdo preciso: é uma cosmologia, isto é, uma explicação racional sobre a origem e a ordem do mundo, o cosmos. (Chauí, 2002, p. 15).

Ao se pensar o ensino de Filosofia nas escolas de educação básica, temos que considerar a forma como Ela é estudada nos cursos de graduação. E concebê-la como uma força capaz de vencer o poder da “Matrix”³, destruindo a aparência e restaurando a realidade, de forma que as pessoas possam perceber e compreender o mundo verdadeiramente e viver nele.

O surgimento da Filosofia foi marcado pelas perguntas incansáveis de Sócrates. Em seus diálogos, ele fazia seus interlocutores perceberem não saber o que era aquilo em que acreditavam, auxiliando as mentes a libertar-se das aparências e buscar a verdade. A Filosofia surge da necessidade de explicar o mundo de um novo modo, de encontrar respostas racionais para a origem das coisas, dos fenômenos da natureza, da existência e da racionalidade humana. O termo “Filosofia” é de origem grega e significa “amor à sabedoria”.

Na transição do pensamento mítico para o racional, surgiu a Filosofia, uma cosmologia, uma explicação racional sobre a origem do mundo e sobre as coisas. Estudiosos chegaram à conclusão de que as contradições e limitações dos mitos para

³ *The Matrix* (bra/pt: *Matrix*) é um filme australo-estadunidense de 1999, dos gêneros ação e ficção científica, dirigido e escrito por Lilly e Lana Wachowski.

explicar a realidade natural e humana levaram a Filosofia a retomá-los, reformulando a narrativa mítica. Por esse motivo, no início, estava intimamente relacionada com os mitos e as crenças. Assim, o pensamento mítico foi dando lugar ao pensamento racional, ou seja, foi acontecendo a passagem do mito à razão.

A história da Filosofia Antiga tem início na Grécia e divide-se em quatro períodos:

- 1) pré-socrático ou cosmológico (século VII a.C. ao fim do século V a.C.): quando a Filosofia se ocupa com a origem do mundo e das coisas;
- 2) socrático ou antropológico (século V a.C. ao fim do século IV a.C.): quando a Filosofia investiga as questões humanas – a ética e a política;
- 3) sistemático (século IV a.C. ao fim do século III a.C.): desenvolve-se a teoria do conhecimento, a psicologia e a lógica. É a busca pelo fundamento último de todas as coisas;
- 4) helenístico ou greco-romano (século III a.C. ao século VI d.C.): surgimento do cristianismo; a Filosofia se ocupa com as questões do conhecimento e das relações do homem com a natureza e com Deus.

Os séculos VII ao XIV foram marcados pela Filosofia Medieval, quando a Filosofia estava intimamente ligada à Teologia e filósofos, como Santo Agostinho e Tomás de Aquino, tentaram reconciliar a fé com a razão. Neste período, a Igreja Romana dominava a Europa, e surge, então, a Filosofia cristã. Na Idade Média, o pensamento estava subordinado à autoridade, uma ideia era considerada verdadeira se tivesse respaldo no argumento de uma autoridade reconhecida.

A primeira questão que devemos abordar diz respeito ao que é mesmo a Filosofia medieval. Existe realmente um pensamento filosófico na Idade Média? Com efeito, a visão que, muitas vezes, temos desse vasto período histórico é sobremaneira negativa: idade das trevas, longa noite de mil anos, obscurantismo, pestes, perseguições religiosas, etc. Sendo a Filosofia um tipo de conhecimento, cuja fecundidade não se coaduna com impedimentos ao livre exercício do pensamento, parece razoável indagar sobre a possibilidade de fazer Filosofia no medievo. (Vasconcellos, 2014, p. 11).

A Filosofia medieval desenvolvida na Europa, trata-se de um período de expansão e consolidação do Cristianismo no Ocidental. A produção intelectual deste período tentou conciliar a Religião com a Filosofia, ou seja, a consciência cristã com a razão filosófica e científica, situação perfeitamente compreensível para esse tempo histórico.

Entre as principais características da Filosofia medieval, podemos destacar: a inspiração filosófica clássica, a utilização dos conceitos da Filosofia grega ao cristianismo e a busca da verdade divina. Muitos filósofos desta época também faziam parte do clero ou eram religiosos. Nesse momento, os grandes pontos de reflexão para os estudiosos eram: a existência de Deus; a fé e a razão; a imortalidade da alma humana; a salvação; o pecado; a encarnação divina; o livre-arbítrio, entre outras questões.

No período conhecido como o Grande Racionalismo Clássico, dominava o ceticismo, atitude filosófica que duvidava da capacidade da razão humana para conhecer a realidade exterior e o homem. Como forma de superar esse ceticismo, a Filosofia Moderna depositou grande otimismo no uso da razão para que o homem pudesse conhecer verdadeiramente e garantir para si a liberdade, a felicidade e o aperfeiçoamento. Durante a Idade Moderna, período marcado pelo Renascimento, filósofos como Descartes, Spinoza, Leibniz, Locke e Kant, exploraram a epistemologia, a política e a ética, contribuindo para a Revolução Científica e o Iluminismo.

Em oposição à Idade Média – também chamada de idade das trevas –, o Iluminismo ou Esclarecimento se tornou conhecido como a Era das Luzes. Principalmente, porque considerações obscurantistas e supersticiosas da igreja e do Renascimento foram confrontadas com o teste da realidade e por argumentos racionais. A visão da natureza controlada por leis ocultas e magia permaneceu forte até a primeira metade do século XVII. Desde então, um novo entendimento baseado na experiência e no método hipotético-dedutivo passou a orientar o pensamento iluminista que já despontava. (Silva, 2021, p.127).

A Filosofia Moderna começa no século XV e permanece até o século XVIII, com a chegada da Idade Contemporânea. Trata de uma transição do pensamento medieval, fundamentado na fé e nas relações entre os homens e Deus, para o pensamento antropocêntrico, marca da modernidade, que eleva a humanidade a um novo *status*, como o grande objeto de estudo. Esse momento abrange o pensamento que vai do século XIX aos nossos dias, marcado pelas várias diferenças entre as posições filosóficas, pelo idealismo alemão de Hegel e o existencialismo de Kierkegaard e Nietzsche. Além de várias escolas de pensamento, como o positivismo lógico, o pragmatismo, o marxismo, o pós-modernismo e a Filosofia analítica. Lida com uma ampla gama de questões, incluindo Filosofia da mente, ética aplicada, Filosofia da linguagem e teoria política.

O Racionalismo e o Empirismo – correntes de pensamento construídas no período – demonstram essa mudança. Ambos visam dar respostas sobre a origem do conhecimento humano: o primeiro, associado à razão humana, e o segundo, baseado na experiência. Suas principais características são: o antropocentrismo, o humanismo, o racionalismo, o empirismo, o idealismo, a liberdade e a Filosofia não religiosa.

A Filosofia Contemporânea, tentou estabelecer um novo padrão de racionalidade, afirmando que a razão não é a marca tradicional do ser humano e que o impulso positivista poderia estabelecer uma relação instrumental do ser humano com a racionalidade. Assim, a razão passa a ser instrumento de emancipação intelectual por meio da reflexão sobre a própria razão.

Os pensadores modernos e pós-modernos encaravam a racionalidade como um instrumento que permitiria ao ser humano dominar a própria natureza. Esse período é marcado pela consolidação do capitalismo, gerado pela Revolução Industrial Inglesa, com o qual torna-se visível a exploração do trabalho humano, ao mesmo tempo em que se vislumbra o avanço tecnológico e científico.

Nesse momento são realizadas diversas descobertas. Destacam-se a eletricidade, o uso de petróleo e do carvão, a invenção da locomotiva, do automóvel, do avião, do telefone, do telégrafo, da fotografia, do cinema, do rádio, etc. As máquinas substituem a força humana e a ideia de progresso é disseminada em todas as sociedades do mundo.

Ao longo dos séculos, os filósofos contribuíram para a compreensão da natureza humana, do mundo e das questões mais profundas da existência. Suas ideias continuam a influenciar o pensamento contemporâneo e a desempenham um papel fundamental no desenvolvimento do conhecimento e da sociedade.

Nesse sentido, entendemos que o ensino de Filosofia para jovens e adultos, assim como na narrativa de Platão (1993) na “Alegoria da caverna”, representa a capacidade de saída da escuridão, de ver a luz do Sol em lugar de sombras, de ver as próprias coisas. Ao fazer o percurso do conhecimento e buscar a verdade abre-se uma possibilidade de passar de prisioneiro a filósofo, que ao conhecer sua realidade seja capaz de transformá-la.

No Brasil, o ensino da Filosofia teve início com a chegada dos religiosos da Companhia de Jesus, em 1553. Os jesuítas exerceram grande influência no início da história da educação em nosso país, sendo os responsáveis pela educação e catequese dos povos no período Colonial. A educação se dava através da propagação

e o fortalecimento da fé cristã, exercendo um tipo de monopólio do pensamento e distanciando a Colônia das contribuições do movimento científico da época.

Naquele período, a educação era voltada para os setores da elite dirigente e possuía caráter formalista e retórico, a serviço apenas do colono branco, rico e católico. Assim, a cultura filosófica passa a ser teológica e apenas uma reprodução de ideias, tornando a Filosofia, uma mera assimilação dos estudos do pensamento estrangeiro.

O papel da Filosofia na história do Brasil colonial era inculcar uma determinada doutrina e prevenir possíveis desvios em relação a ela, além de defendê-la. Isso caracteriza a sua função militante e teológica na educação da época, com o objetivo de preparar a elite intelectual para pensar e interpretar a realidade.

Entre 1750 e 1777, Marquês de Pombal realizou uma série de reformas no Reino de Portugal. Muitas delas impactaram diretamente no Brasil Colônia e sob o pretexto de que o ensino deveria preparar o cidadão para servir ao Estado e não à igreja, começaram a chegar os ideais franceses de liberdade e igualdade, a fé e as convicções tradicionais foram fortemente criticadas e a Filosofia passou a ter papel racionalista e revolucionário. O seu teor consistia na difusão das ideias iluministas e a razão passa a ser entendida como a única fonte de conhecimento seguro da realidade, em contraposição às orientações teológicas da “Filosofia da salvação”.

Logo após a metade do século XVIII, com o agravamento da crise do Antigo Regime, o filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau mostrou a sua capacidade de compreensão da realidade ao afirmar a existência de dois tipos de desigualdade em sua obra “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”. Afirmando:

Concebo na espécie humana duas espécies de desigualdade: uma, que chamo de natural ou física, que é estabelecida pela natureza, e que consiste na diferença das idades, da saúde, da força do corpo e das qualidades do espírito, ou da alma; a outra que se pode chamar de desigualdade política, porque depende de uma espécie de convenção, e que é estabelecida ou, pelo menos autorizada, pelo consentimento dos homens. Consiste esta nos diferentes privilégios que gozam alguns com prejuízo dos outros, como ser mais ricos, mais poderosos, mais honrados do que os outros, ou mesmo fazerem-se obedecer por leis. (Rousseau, 2015, p. 54).

A partir dessas ideias, o movimento enciclopedista foi considerado como subversivo e contrário à ordem. Portanto, em 1794, várias pessoas foram presas,

principalmente, em Minas Gerais. Pois era considerado crime propagar esse movimento e se voltar contra o despotismo português. Permanecia a intenção de nos tornarem passivos diante da realidade, sem nenhuma autonomia de pensamento.

Com a chegada de Dom João VI ao Brasil, em 1808, abriram-se as portas para o comércio mundial, o que contribuiu também para o surgimento de novas ideias na vida da colônia. Nesse período, nasceram novos colégios para a preparação da nova classe que iria administrar e governar a colônia. Os negócios aumentaram e demandaram uma expansão da educação.

Nesse clima de transformação social, a Filosofia no Brasil e o seu ensino voltaram-se para a formação profissional e não mais para um ensino propedêutico, sacerdotal e cristão. Entre as correntes filosóficas em ascensão, no final do século XIX, o Positivismo foi a que mais repercutiu, marcando o pensamento brasileiro e a educação que aqui se ministrava, à luz da qual se estruturou o sistema de ensino superior, privilegiando a ciência aplicada e a instrução profissional.

Assim começa a solidificar-se o papel importante da Filosofia na construção teórico-crítica do conhecimento, libertando-nos do senso comum, que aprisiona as mentes, sendo possível uma inteligência aberta, arejada e esclarecida. De acordo com Kant (1985, p. 37):

O Esclarecimento [*Aufklärung*] significa a saída do homem de sua menoridade auto-imposta, da qual o culpado é ele próprio. A menoridade é a incapacidade ou inabilidade de o homem fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo (guia). O homem é o próprio culpado dessa menoridade auto-imposta se a sua causa não estiver na ausência de entendimento, mas na ausência de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem.

No Brasil, o Positivismo manifestou-se de forma ortodoxa, ilustrada, política e militar. Os pensadores da época passaram a ter representação filosófica nacional até o final do século XIX: o Ecletismo Espiritualista e o Positivismo. Eles buscaram uma fundamentação transcendental não só para o conhecimento em geral, mas também para toda a ação humana.

Com a instauração da República em 1889, a busca por uma sociedade racional tornou-se prioridade da elite intelectual brasileira. Surgiram novos centros urbano-industriais e uma grande desarmonia entre o campo e a cidade. No ano de 1908, surgiu a Faculdade Livre de Filosofia e Letras de orientação neotomista. Nesse período também apareceram novos livros de ensino da Filosofia.

A partir de 1914, com a Primeira Guerra Mundial, acentuou-se o sentimento nacionalista, o que até então não se pensava, pois as portas estavam sempre abertas a todas as ideias provenientes de fora. É nesse momento que outras modalidades do pensamento europeu entram no Brasil, concorrem com a Filosofia de Augusto Comte e começam a surgir obras e trabalhos que revelam preocupações com a sociedade, o que possibilitou ao pensamento brasileiro compreender-se a si mesmo, superando o argumento filosófico apologético (discurso abonatório; defesa que se faz de alguém ou de algo).

Com a reforma educacional em 1915, o decreto nº 11.530 colocou a Filosofia como disciplina facultativa nos currículos, embora não exercesse ainda o seu verdadeiro papel. Essa reforma surgiu num ambiente de mudanças políticas, econômicas e sociais. Mesmo assim, a Filosofia despertava pouco ou nenhum interesse, pois a ciência e as pesquisas, em moda na Europa, eram incompreensíveis e de nenhuma importância no Brasil.

A partir do ano de 1930, houve mais duas reformas na educação do Brasil que provocaram mudanças no ensino médio. A primeira se deu em 1931 e determinava que a educação tivesse como objetivo não somente o ingresso nos cursos superiores, mas também a formação do homem para todos os setores da vida, ou seja, uma educação integral que lhe possibilitasse tomar decisões claras e seguras em qualquer situação de sua existência.

A segunda reforma educacional, que aconteceu no ano de 1942, através do decreto nº 4.244, intitulada Lei Orgânica do Ensino Secundário, dividiu o ensino em dois ciclos: o ginásio, cursado em 4 anos e o colegial, em 3. O curso colegial subdividia-se em científico e clássico. O científico visava ao ensino das ciências, já o clássico previa uma formação intelectual, com carga horária de 4 horas semanais para a Filosofia, dando a ela maior amplitude no clássico, embora estivesse presente nos dois. Com o passar do tempo, reduziram as horas-aula da disciplina e as séries que davam um espaço para os conteúdos filosóficos.

No ano de 1961, com a publicação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 4.024), resultado de inúmeros debates e lutas ideológicas entre os educadores e políticos da época, a Filosofia foi sugerida como disciplina complementar, perdendo, assim, a sua obrigatoriedade no sistema federal de ensino.

E no ano de 1964, com o golpe militar, a Filosofia foi desobrigada dos currículos, tornando-se facultativa. Algumas disciplinas de Ciências Humanas também

sofreram restrições. A educação estava marcadamente voltada a servir aos interesses econômicos, abrindo espaço para a entrada do domínio norte-americano em nossa economia, política e educação.

A expansão econômica, impulsionada pela chegada do capital estrangeiro, bem como a proteção do governo militar e os investimentos dados à educação contribuíram para a extinção da Filosofia do currículo escolar. A educação acabou exercendo um papel ideológico, pois foram impostos valores culturais estrangeiros como modelos a serem seguidos pela educação no Brasil. O modelo educacional a ser seguido era totalmente técnico e burocrático.

O ensino de Filosofia não atendendo a essas solicitações tecno-burocráticas e político-ideológicas, já não servia aos objetivos das reformas que se pretendiam instituir na estrutura do ensino brasileiro. A sua extinção como disciplina obrigatória no currículo em 1968 foi pensadamente preparada através de uma série de leis e decretos, pareceres e resoluções do Conselho Federal.

No ano de 1968, quando o regime militar se tornou mais rígido no Brasil, muitos professores foram cassados e houve frequentes perseguições a associações e instituições, além de inúmeras arbitrariedades contra os adeptos da Filosofia. Pela LDB nº 5.692/71, o ensino de Filosofia e Sociologia foram substituídos por componentes doutrinários, como: Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil (OSPB). Ainda no mesmo ano, a Filosofia é expulsa por completo dos currículos para, somente no ano de 1986, voltar a ter a sua inclusão recomendada.

A partir daí, ficou claro que o pensar crítico e transformador, característico da atividade filosófica, constituía uma ameaça ao poder e à ordem vigentes, à medida em que se propunha formar consciências que refletissem sobre os problemas reais da sociedade. Nesse sentido, procurou-se aniquilar essa atividade reflexiva, substituindo-a por outra de caráter mais catequista e ideológico, de âmbito político. A educação moral e cívica, sendo também “moral”, estava atendendo ao que se queria que fosse o ensino da Filosofia, num período de grandes agitações estudantis e operárias: apenas uma ideologia que perpetua a ordem estabelecida e defende o *status quo*.

Até então, o ensino da disciplina de Filosofia, no Brasil, vestia-se com a roupagem da alienação e do dogmatismo. Jamais a Filosofia visou à formação do espírito crítico, pois assumiu o papel de geradora de status social com pensamentos vindos do estrangeiro, com ideias já prontas, ou seja, com função meramente

ideológica. A Filosofia constituiu-se como acrítica e ornamental, como teoria longínqua da prática, uma repetição de doutrinas obscuras.

Com o final da ditadura militar e a chegada da redemocratização do país, conseqüentemente despontaram “novas luzes” para o ensino de Filosofia. A disciplina foi, aos poucos, retornando aos currículos das escolas brasileiras de maneira optativa. Era o começo de um grande passo! Renovava-se a esperança de professores, alunos e entidades pela inclusão do ensino da disciplina na LDB.

Depois de um longo período de espera e discussão no âmbito da educação brasileira, é promulgada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (nº 9.394/96) e, na sequência, em 1999, os “Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)” para o ensino brasileiro que, para a decepção de muitos, apenas recomenda que a disciplina de Filosofia complemente os Temas Transversais, sendo recomendada como conteúdo e não como uma disciplina. A ideia norteadora dos PCNs é de organizar os currículos por competências. Em educação, a competência permite ao aluno enfrentar e regular adequadamente as tarefas e situações educativas, conectando pensamento e ação.

Possuindo uma natureza, a rigor, transdisciplinar (metadisciplinar), a Filosofia pode cooperar decisivamente no trabalho de articulação dos diversos sistemas teóricos e conceptuais curriculares, quer seja oferecida como disciplina específica, quer, quando for o caso, esteja inserida no currículo escolar sob a forma de atividades, projetos, programas de estudo etc. (Brasil, 1998, p. 62).

Ao se percorrer, a trajetória do ensino de Filosofia no Brasil, constata-se que o movimento pendular dessa disciplina, no contexto educacional, foi causado por razões ideológicas que inibiam o pensar crítico. Quando se defende a obrigatoriedade do retorno da disciplina no ensino médio, faz-se necessário pensar que Filosofia aplicar, para que e para quem, tarefa esta que vem sendo tema de pesquisas e debates em nosso país.

Nesse sentido, acreditamos que o processo de ensino-aprendizagem da Filosofia deve ser crítico-constructivo, orientando o indivíduo a uma postura consciente, a uma visão ampla e crítica da realidade em que se encontra inserido, pois só assim, poderá assumir a sua cidadania com dignidade, liberdade e criticidade.

A Filosofia é, portanto, uma prática, um cultivo, um modo de aprender, de conhecer e pensar que, em sua autonomia, em sua radicalidade crítica constitui, na verdade, o vigor e a própria essência de tudo aprender, de tudo conhecer, de todo

pensar. Quando se defende a obrigatoriedade do retorno da disciplina de Filosofia aos currículos, quer-se, justamente, que ela venha despertar em cada cidadão o desejo de pensar a realidade com criticidade e vislumbrar, na totalidade, os diferentes aspectos que a compõem e, assim, olhar para a sua existência de uma maneira mais reflexiva.

A LDB (nº 9.394/96, Seção IV – Do Ensino Médio), afirma no artigo 36 que o currículo será organizado de forma que ao final do ensino médio o educando demonstre domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.

Com a promulgação da lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008, a Filosofia volta a ser uma disciplina obrigatória nas escolas brasileiras. Ela altera o Art. 36 da lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Segundo a nova lei, o ensino de Filosofia assume um caráter de obrigatoriedade em todas as séries do ensino médio, a última etapa da educação básica no país.

Diante desse cenário, profissionais envolvidos com o ensino, principalmente com o ensino de Filosofia – sejam professores universitários, de ensino médio ou mesmo estudantes – são novamente convocados a pensar questões fundamentais sobre a disciplina: é preciso saber por que, afinal de contas, deve-se ensinar Filosofia para os jovens do ensino médio, e quais conteúdos e metodologias devem ser empregados para atingir esses objetivos.

Nesse sentido, as orientações curriculares para o ensino médio, de 2008, constituem-se como um importante material para quem pensa sobre o ensino de Filosofia na educação básica, especialmente para aqueles que estão ou estarão em breve nas escolas na condição de professores de Filosofia. Trata-se de uma reflexão acerca do espaço dessa disciplina nas escolas e uma tentativa de responder às questões sobre a importância da Filosofia para o ensino médio.

Uma resposta propriamente filosófica por certo requer argumentação. Esta dissertação pode ser vista como uma defesa acerca do espaço da Filosofia nas escolas brasileiras, dos conteúdos e da metodologia a serem empregados por essa disciplina. Os materiais que serviram de base para a sua realização foram, especialmente, o texto da LDB e as “Orientações curriculares para o ensino médio”, publicadas pelo Ministério da Educação (MEC) em 2008:

A Filosofia deve ser tratada como disciplina obrigatória no ensino médio, pois isso é condição para que ela possa integrar com sucesso projetos transversais e, nesse nível de ensino, com as outras disciplinas, contribuir para o pleno desenvolvimento do educando. (Brasil, 2008, p. 15).

A pergunta acerca da natureza da Filosofia é o primeiro problema filosófico encontrado. Cabe-nos a tarefa de delinear alguns elementos para uma contextualização mais adequada dos conhecimentos filosóficos no ensino médio. Tomando-se como ponto de partida o já mencionado artigo 36 da LDB, no qual espera-se que o educando, ao final do ensino médio, deve demonstrar o “domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania”; faz-se necessária uma compreensão do que se pode entender por “Filosofia”, de modo que possamos também relacioná-la com uma possível compreensão do termo “cidadania” e seu exercício.

A contribuição da Filosofia em relação ao exercício da cidadania para o ensino médio está no desenvolvimento da fala, leitura e escrita, ligadas à sua natureza argumentativa e à sua tradição histórica. Cabe à Filosofia a capacidade de análise, de reconstrução racional e de crítica, a partir da compreensão de que tomar posições diante de textos propostos de qualquer tipo e emitir opiniões acerca deles é um pressuposto indispensável para o exercício da cidadania.

A confluência entre a Filosofia e o seu papel formador no ensino médio, enfatiza a relação singular que esta mantém com sua história, sempre retornando a seus textos clássicos para descobrir sua identidade, sua atualidade e seu sentido. É na leitura de textos filosóficos que se constituem problemas, vocabulários e estilos de fazer simplesmente Filosofia.

[...] não é possível fazer Filosofia sem recorrer a sua própria história. Dizer que se pode ensinar Filosofia apenas pedindo que os alunos pensem e reflitam sobre os problemas que os afligem ou que mais preocupam o homem moderno sem oferecer-lhes a base teórica para o aprofundamento e a compreensão de tais problemas e sem recorrer à base histórica da reflexão em tais questões. (Brasil, 2008, p. 27).

É salutar para o ensino da Filosofia que nunca se desconsidere a sua história, em cujos textos reconhecemos os elementos que despertam nossa vocação para o trabalho filosófico. É recomendável que a sua história e a leitura dos textos filosóficos tenham papel central no seu ensino. Porém, é a partir de seu legado, com uma tradição que se apresenta na forma amplamente conhecida como História da Filosofia,

que a Filosofia pode propor o diálogo com outras disciplinas e áreas do conhecimento, oferecendo uma contribuição peculiar na formação do educando.

2.2 A contribuição da Filosofia para a EJA

Assim como as demais disciplinas do ensino médio, a Filosofia tem papel formador, possibilitando ao estudante mais que dominar um conteúdo: saber ter acesso aos diversos conhecimentos de forma significativa e articulado com os outros saberes. Os conhecimentos filosóficos devem ser vivos e adquiridos para a vida, pois do contrário, dificilmente teriam sentido para um jovem em formação.

O objetivo da disciplina de Filosofia na EJA é propiciar ao aluno um enriquecimento intelectual. Como é parte de uma proposta de ensino que pretende desenvolver a capacidade para fazer perguntas, lançando mão dos conhecimentos adquiridos, representa a capacidade de elaboração de questões advindas dos mais variados contextos, tornando o aluno da EJA um sujeito capaz de pensar com autonomia e não simplesmente um memorizador dos conteúdos estudados.

O ensino de Filosofia no ensino médio contribui para essa fase da formação do estudante, garantindo a ele um tipo de formação que não é uma mera oferta de conhecimentos a serem assimilados, mas um aprendizado de um conhecimento que lhe permita adaptar-se “com flexibilidade às novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores” (artigo 36, inciso II) – o que significa saber ter acesso ao conhecimento de forma significativa.

É importante reiterar que a aprendizagem significativa se caracteriza pela interação entre conhecimentos prévios e novos, e que essa interação é não literal e não arbitrária. Nesse processo, os novos conhecimentos adquirem significado para o sujeito e os conhecimentos prévios adquirem novos significados ou maior estabilidade cognitiva.

Na etapa da educação básica, a Filosofia fornece instrumentos e apresenta perspectivas, levando ao estudante a possibilidade de posicionar-se e de correlacionar o que aprendeu com a vida, além de fornecer as habilidades para desenvolver certas tarefas. Na EJA, os conhecimentos filosóficos adquiridos devem servir de luz à exclusão educacional, que marca a história desse público estudantil. A

disciplina ensinada na EJA deverá ser capaz de promover um processo de formação que tenha caráter libertador e autônomo.

A sua capacidade de análise, busca desenvolver competências comunicativas associadas à argumentação. Sob essa perspectiva formadora e de superação de um ensino meramente enciclopédico, desenvolveu-se a ideia de um ensino por competências.

A pergunta que se faz, portanto, é: de que capacidade se está falando quando se trata de ensinar Filosofia no ensino médio? Trata-se da criatividade, da curiosidade, da capacidade de pensar múltiplas alternativas para a solução de um problema, ou seja, do desenvolvimento do pensamento crítico, da capacidade de trabalhar em equipe, da disposição para procurar e aceitar críticas, da disposição para o risco, de saber comunicar-se, da capacidade de buscar conhecimentos. (Brasil, 2008, p. 30).

A contribuição mais importante que a Filosofia pode dar ao estudante é o desenvolvimento de uma competência discursivo-filosófica, espera-se que a Filosofia promova competências comunicativas, o que implica um tipo de leitura, envolvendo capacidade de análise, de interpretação, de reconstrução racional e de crítica. Com isso, a possibilidade de tomar posição, de concordar ou não com os propósitos do texto é um pressuposto necessário e decisivo para o exercício da autonomia e, por conseguinte, da cidadania. A partir de um olhar especificamente filosófico, um olhar analítico, investigativo, questionador e reflexivo.

O sistema de ensino brasileiro define a estrutura e a duração dos cursos da EJA, respeitadas as diretrizes curriculares nacionais, a identidade desta modalidade de educação e o regime de colaboração entre os entes federativos.

A inclusão da Filosofia nessa modalidade de ensino pode ser uma decisão positiva para promover o pensamento crítico e a reflexão entre os estudantes. No Brasil, a LDB estabelece a obrigatoriedade do ensino de Filosofia no currículo do ensino médio, mas não especifica se isso se aplica à EJA.

Em 5 de julho de 2000, foi publicada a resolução CNE/CEB nº 1, que institui as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos” a serem obrigatoriamente observadas na oferta e na estrutura dos componentes curriculares de ensino fundamental e médio dos cursos que se desenvolvem, predominantemente, através do ensino, em instituições próprias e integrantes da organização da educação nacional nos diversos sistemas de ensino, à luz do caráter próprio desta modalidade de educação. Essa resolução abrange os processos formativos da EJA nas etapas

dos ensinos fundamental e médio, nos termos da LDB. Suas Diretrizes servem como referência para as iniciativas que se desenvolvem sob a forma de processos formativos escolares na sociedade civil, além da oferta de exames supletivos para efeito de certificados de conclusão.

Os componentes curriculares consequentes ao modelo pedagógico próprio da EJA e expressos nas propostas pedagógicas das unidades educacionais obedecerão aos princípios, aos objetivos e às diretrizes curriculares, tais como formulados no parecer CNE/CEB 11/2000, que acompanha a resolução citada, nos pareceres CNE/CEB 4/98, CNE/CEB 15/98 e CNE/CEB 16/99, suas respectivas resoluções e as orientações próprias dos sistemas de ensino.

Como modalidade desta etapa da educação básica, a identidade própria da EJA considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios da equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio. De modo a assegurar:

- I – a equidade, a distribuição específica dos componentes curriculares a fim de propiciar um patamar igualitário de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades face ao direito à educação;
- II – a diferença, a identificação e o reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito de cada qual e do desenvolvimento de seus conhecimentos e valores;
- III – a proporcionalidade, a disposição e alocação adequadas dos componentes curriculares face às necessidades próprias da Educação de Jovens e Adultos com espaços e tempos nos quais as práticas pedagógicas assegurem aos seus estudantes identidade formativa comum aos demais participantes da escolarização básica. (Brasil, 2000, p.10).

Pelo seu processo histórico, o ensino da Filosofia desempenha um papel fundamental na EJA, proporciona uma base sólida para o pensamento crítico e o desenvolvimento das habilidades analíticas dos estudantes. A Filosofia e o exercício do filosofar representam as condições para explorar questões, como ética, política, conhecimento e existência, permitindo-nos formar opiniões de base crítica e consciente.

Na EJA, a disciplina pode ser trabalhada no sentido de subsidiar as discussões acerca dos problemas do mundo real, promovendo o diálogo e a reflexão sobre questões sociais e morais. Além disso, vem oferecer uma compreensão mais profunda das raízes do pensamento humano, desde os filósofos pré-socráticos até os

pensadores contemporâneos. Além do importante papel que a Filosofia pode desempenhar no auxílio a melhor compreensão das outras disciplinas da área de Ciências Humanas.

Ao aprender os conteúdos filosóficos, os estudantes da EJA podem acessar as ferramentas necessárias para analisar criticamente ideias e argumentos, o que é fundamental para uma cidadania ativa e consciente. Portanto, a Filosofia desempenha um papel vital na EJA, ajudando-os a se tornarem pensadores mais autônomos e informados.

A Filosofia como uma disciplina na EJA requer que pensemos na importância do seu ensino, na escolha dos conteúdos a serem ensinados e em quem vai ensiná-los. Além da Filosofia socrático-platônica e das possibilidades de aprendizagens pautadas no diálogo e nas reflexões advindas dos planejamentos coletivos entre os professores da área de Ciências Humanas, serão consideradas também as contribuições de Paulo Freire ao processo de ensino e aprendizagem.

A relação entre a Filosofia e a EJA é destacada por diversos pensadores e pedagogos. Paulo Freire, um dos mais influentes educadores do século XX, argumenta que a Filosofia está intrinsecamente ligada à educação, ao afirmar que: “A Filosofia da educação implica, como a Filosofia em geral, a problematização, a reflexão crítica, a intervenção na realidade e a busca da humanização dos sujeitos envolvidos”. (Freire, 2022, p. 33).

Nesse sentido, a Filosofia e as ideias freirianas desempenham papéis fundamentais na EJA, encorajando o estudante a questionar e refletir sobre sua própria existência e desenvolvimento da consciência crítica. É pela Filosofia, que os estudantes dessa modalidade de ensino podem explorar questões éticas, políticas e existenciais. Isso contribui para sua formação como cidadãos pensantes e participativos na sociedade. O ensino de Filosofia na EJA não se limita a ensinar conteúdos, mas também a promover a emancipação e a construção de conhecimento a partir das experiências e das realidades dos alunos adultos.

A EJA é um campo de estudo que se relaciona com a Filosofia de diversas maneiras. A Filosofia pode desempenhar um papel importante na reflexão sobre os princípios e objetivos da modalidade, bem como na análise de questões éticas e morais relacionadas à educação de adultos. Ela pode ajudar a discutir questões como a igualdade de acesso à educação, a justiça social e a importância da educação ao longo da vida. Além disso, a Filosofia pode ser usada para explorar os fundamentos

teóricos e epistemológicos da educação de adultos, contribuindo para o desenvolvimento de práticas mais eficazes e inclusivas na EJA.

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor. Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. (Freire, 2022, p. 59).

Paulo Freire (1987) desempenhou um papel fundamental na integração da Filosofia na educação e no desenvolvimento de abordagens educacionais inovadoras. Sua abordagem pedagógica é profundamente influenciada pela Filosofia e pela teoria crítica. No que se refere à Filosofia da educação, o autor consolidou o seu trabalho na crença que a educação não era apenas um ato de transmissão de conhecimento, mas também um ato de conscientização. A sua Filosofia enfatiza a importância de envolver os alunos na reflexão crítica sobre o mundo em que vivem.

Na Filosofia da práxis, Freire desenvolveu a integração entre teoria e prática. Ele argumenta que os alunos não devem ser receptores passivos de conhecimento, mas participantes ativos que refletem sobre o mundo, agem nele e, ao fazer isso, transformam tanto a si mesmos quanto a sociedade. Essa concepção está enraizada na Filosofia existencialista e no pensamento de filósofos como Karl Marx e Jean-Paul Sartre (Freire, 1987).

Freire (1987) também enfatizou a importância do diálogo na educação, pois considera o diálogo crítico como uma maneira de promover a reflexão e a transformação. Essa ênfase no diálogo tem raízes na Filosofia da linguagem e na hermenêutica, áreas filosóficas que exploram a interpretação e a comunicação.

O que fundamenta a Filosofia da educação em Paulo Freire é a conscientização, o que nos permite fazer uma analogia com a noção dialética de educação proposta na “Alegoria da caverna”, de Platão. Segundo Freire (1987), qualquer um que queira fazer transformações em sua realidade precisa se conscientizar dela. Tal conscientização, conforme defende o autor, deve vir acompanhada de uma ação transformadora.

Ao fazer uma análise comparativa do partejar das ideias da maiêutica nos diálogos socrático-platônicos com os conceitos norteadores que a proposta educacional freiriana traz, é possível perceber a diferença entre a epistemologia

platônica e a Filosofia da práxis de Freire. A educação libertadora é dialógica e tem como meta superar a superioridade ideológica entre educadores e educandos.

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E se ele é encontro em que se solidarizam o refletir e o agir e seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformados e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (Freire, 2019. p. 109).

A ética desempenha um papel significativo no trabalho de Paulo Freire (1987), para quem a educação deveria ser conduzida de maneira ética, respeitando a dignidade e os direitos dos alunos. Sua abordagem ética à educação sofreu influências das várias correntes filosóficas.

A Filosofia desempenhou um papel central na fundação da pedagogia freiriana, a qual enfatiza a conscientização, a práxis, o diálogo e a ética na educação. Tais ideias continuam a influenciar práticas educacionais em todo o mundo, e essa abordagem baseada na Filosofia tem sido uma fonte de inspiração para educadores e filósofos interessados na transformação da educação e da sociedade.

Consideramos que a boa relação professor e aluno, marcada pelo respeito e pelo diálogo, pode favorecer um maior engajamento e ser incentivo para a construção dos saberes filosóficos na EJA. Essa troca é fundamental para o processo ensino e aprendizagem em sala de aula, em especial o diálogo, que gera também uma relação de afetividade, influenciando esse processo no fator motivacional, principalmente em turmas formadas por estudantes que estão retornando à escola.

Os professores têm um papel fundamental na formação social e intelectual dos estudantes. Na escola, a educação acontece de forma coletiva, sempre tendo como sujeitos os alunos, a comunidade e as famílias. No contexto do CEJA Raquel Castro e Silva de Miranda, o recomendado é que os professores possam discutir sobre a eficácia da metodologia aplicada e sobre a relação estabelecida entre os conteúdos das disciplinas da área de Ciências Humanas e sobre qual a contribuição que a Filosofia pode dar à aprendizagem dos jovens e adultos.

Nesse sentido, a educação é uma troca de conhecimento entre professor e aluno, na qual um depende do outro para que haja o conhecimento e a aprendizagem, que não é algo isolado, mas um conjunto de fatores, sempre com o mesmo objetivo pelo crescimento intelectual e profissional pela busca dos ideais e da mudança na convivência social.

Além de contribuir para o processo de formação humana, o ensino de Filosofia na EJA embasou o pensamento do educador Paulo Freire (1987). A Filosofia não deve ser vista apenas como uma disciplina inserida nos currículos tradicionais ou, tampouco, fonte de conteúdos inquestionáveis, ela deve ser interlocutora entre o conhecimento oportunizado na escolarização básica e na vida cotidiana dos estudantes jovens e adultos.

A EJA é uma modalidade que possui características peculiares, que envolvem seus sujeitos e práticas. Os sujeitos que integram esta modalidade são, em grande parte, pessoas pertencentes a coletivos sociais historicamente marginalizados, tais como população do campo e de periferias urbanas, ou privadas de liberdade. Em meio a toda essa diversidade, todos têm algo em comum, não usufruíram do direito de ter acesso e permanência à/na escola.

Considerando a pluralidade que caracteriza os sujeitos da EJA, propostas pedagógicas e curriculares precisam ser pensadas, suas concepções terão que ser voltadas à formação humana que contemple suas subjetividades e seus processos histórico-sociais, no sentido de atender e se adequar às necessidades desse público. É importante repensar formatos, metodologias e práticas, além de garantir uma formação adequada e continuada aos profissionais que nela atuam.

As demandas próprias da sociedade contemporânea, no que se refere à educação libertadora freiriana, visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autônomas e solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres no diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo (Freire, 2022).

A pedagogia de Paulo Freire (2022) consiste em uma maneira de educar conectada ao cotidiano dos estudantes e às experiências que eles têm — e por isso, também ligado à política, especialmente porque Freire trabalhou com a alfabetização de adultos. A partir das ideias desse importante educador e do papel representado pela Filosofia na EJA, entendemos que suas contribuições são constituintes da aprendizagem que se deseja para esse público, dentro da perspectiva de uma educação para a liberdade e para a autonomia.

Em sua Filosofia da educação, se baseia no diálogo entre professor e aluno, procurando transformar o estudante em um aprendiz ativo. Nesse sentido, suas obras criticam os métodos de ensino em que o professor era tido como o detentor de todo o

conhecimento, e o aluno apenas um “depositário” — o que ele chamava de “educação bancária” (Freire, 1987).

Contextualizando a EJA, a partir da década de 1960, percebemos que há um encontro com a proposta pedagógica de Paulo Freire (1987) no conceito epistemológico de conscientização da realidade, com uma reflexão transformadora, ideológica e libertadora baseada na educação como prática de liberdade. O conceito de liberdade aqui é elucidado também pelas contribuições da Filosofia socrático-platônica à educação e ao conhecimento da verdade, narrado na obra “A República”, livro VII – Alegoria da Caverna (Platão, 1993).

Pensar na Filosofia e no seu ensino na EJA é, portanto, refletir sobre as possíveis contribuições que ela dará a essa modalidade de ensino e aos seus envolvidos. Seus conhecimentos devem ter por objetivo o fortalecimento e a importância de saber ouvir o outro, desenvolver o respeito mútuo e a capacidade de interação; relacionar os conhecimentos filosóficos e os seus diferentes conteúdos; estabelecer o diálogo com as diversas áreas do conhecimento e eliminar as discriminações.

Dessa forma, acredita Paulo Freire (1987), é possível acordar a consciência do aluno para que ele seja capaz de exercer seu papel de cidadão e se habilitar a revolucionar a sociedade. Assim, o letrado pode transcender a simples esfera do conhecimento de regras, métodos e linguagens, e ser então inserido na esfera socioeconômica e política da qual fora excluído.

Proporcionar o acesso aos conhecimentos filosóficos na EJA justifica-se se esse for o ensino de criação de conceitos que dê conta de discutir seus problemas. Não há cisão entre Filosofia e filosofar. É preciso enxergar esse ensino como uma relação direta com a formação humana, referência para a compreensão de si e, conseqüentemente, para as relações dos alunos com os outros e com o mundo.

O ensino de Filosofia deve ser uma produção filosófica, assim como fazem os filósofos. Portanto, o professor deve ter uma postura filosófica, senão será apenas aula de história da Filosofia. Deve-se levar o aluno a instrumentalizar possibilidades de criação de parâmetros filosóficos para interpretar o mundo de forma original e autônoma rumo à sua emancipação.

Propõe-se aqui uma analogia com a pedagogia de Paulo Freire, que considera que ao ensinar o professor mostra aos alunos a capacidade que todos nós temos de

conhecer e intervir no mundo. Dessa forma, o aluno da EJA deve ser entendido como um ser ativo capaz de transformar a própria realidade.

Aranha (1996) define que o papel do ensino de Filosofia, é ressaltar como a capacidade de pensar, refletir e viver pode ser uma característica da formação humana. O mais importante na formação humana é a integralidade de ser e pensar de cada indivíduo no mundo. Assim, ele poderá construir o seu modo de vida livremente e com autonomia.

Alguns poderiam dizer que, se é espontânea a tendência humana para a discussão filosófica, cada um aprenderá pela própria vida. No entanto, é importante o trabalho do intelectual quando oferece condições que facilitem a passagem do senso comum para o bom senso. [...] Já o bom senso é seu núcleo sadio (Gramsci), por resultar da elaboração coerente do saber e da explicitação das intenções conscientes dos indivíduos livres. Encontra-se aí uma das funções do professor de Filosofia no ensino médio, quando desperta o aluno para a percepção das formas perversas do preconceito, da repetição cômoda do cotidiano, das certezas definitivas e das verdades inacabadas, enfim da ação corrosiva da antifilosofia. (Aranha, 1996, p. 9).

O ser humano precisa tornar a Filosofia necessária como uma exigência interna da própria vida humana, que se interroga e busca legitimar-se e encontrar suas “razões de ser”. É dessa forma que a Filosofia deve fazer parte do currículo escolar, não pela resposta imediata que possa dar aos problemas, mas sim por causa dos próprios problemas que possa levantar.

Se a educação, na sua dimensão formal, atende, entre outros princípios, à contribuição para a formação do humano e do cidadão e se no cenário atual se entende que a Filosofia possa estar como componente desta educação, precisa-se fazer valer todos os espaços que são oferecidos a ela, enquanto disciplina, sobretudo na EJA.

A prática pedagógica freiriana é indispensável no trabalho com jovens e adultos, pois possibilita a autonomia dos educandos, estimulando-os a avaliar constantemente seus progressos e suas carências, ajudando-os a tomar consciência de como a aprendizagem se efetiva. Portanto, o ensino-aprendizagem nessa modalidade de educação deve evidenciar as diferentes abordagens, para assim favorecer a construção de um conhecimento pautado no compartilhamento de experiências e diferentes visões de mundo, com a perspectiva de buscar conjuntamente soluções para os desafios a serem enfrentados.

Assim, o educador da EJA deve vencer o desafio de despertar em seus alunos uma motivação para seguirem em frente, mostrando-os a existência de pessoas que buscam melhorias para suas vidas e levando-os a acreditar que a educação é algo dinâmico, uma troca de experiências, tanto entre os educandos quanto entre professor e aluno, um diálogo no espaço escolar onde todo saber é relevante. Como geralmente na EJA se trabalha com grupos sociais desfavorecidos economicamente, pode-se levar os estudantes à compreensão de que sua vida pode mudar depois desse processo.

Ao se pensar o ensino de Filosofia na EJA é necessário refletir sobre a importância de uma Filosofia que oportunize a possibilidade de retirada dos alunos das instâncias dogmáticas as quais estão submetidos. Devido à própria estrutura apresentada pela sociedade contemporânea, não vemos outra possibilidade a não ser a da crítica aos pressupostos da realidade estabelecida.

A Filosofia tem como principal função colocar o aluno em contato com um tipo de conhecimento e de questionamento sobre as coisas do mundo, sobre aquilo que o afeta. Para pensar filosoficamente é necessário desenvolver uma atividade em torno da vida. Isso implica em uma postura diante dos problemas cotidianos que ganham contornos filosóficos mediante alguns “instrumentos” que o aluno aprende a utilizar com as aulas de Filosofia, tais como: argumentação, pensamento lógico e crítico e a construção de conceitos.

Em sala de aula, o processo de aprendizagem filosófica pode acontecer de muitas formas, dependendo sempre da disposição do professor em diversificar metodologias e levar em consideração as necessidades dos alunos, planejando suas aulas de acordo com a realidade local.

Trata-se de articular ferramentas que o auxiliem a mostrar ao aluno características fundamentais da Filosofia e que, ao mesmo tempo, tem por objetivo instrumentalizar o aluno para que ele tenha autonomia no pensar. De qualquer maneira, o ponto fundamental é a necessidade de que, em todos os momentos, aluno e professor estejam dispostos à tarefa de aprender e ensinar.

Trabalhar com jovens e adultos é um desafio que exige muita dedicação por parte do educador, pois este é um universo em que o aluno não está habituado ao ambiente escolar, tendo o docente a missão de buscar meios para integrá-lo tanto à vida educacional, como à sociedade.

O ensino da disciplina de Filosofia na EJA surge como uma forma de pensar, construindo uma postura diante do mundo. Sendo assim, pode se voltar para qualquer objeto, pensando: a Ciência, seus valores, métodos, seus mitos; a Religião; a Arte; o próprio homem em sua vida cotidiana.

Porém, com o decorrer do tempo, o termo Filosofia passou a designar um tipo especial de sabedoria – aquela que nasce da investigação racional em busca do conhecimento, diferenciando-se, assim, das explicações fundamentadas nos mitos, que são uma maneira fantasiosa de explicar o mundo através de narrativas sobre os deuses, sobre a natureza e sobre os seres humanos.

Entre os filósofos da antiguidade, destacamos Platão e a sua “Alegoria da caverna”, considerada como a chave para se entender melhor o espírito da Filosofia. A sua presença na EJA exige um tipo de abordagem que aproxima o processo de ensino e aprendizado da realidade vivida pelos alunos, considerando sua diversidade social e cultural, de forma a tornar esse conhecimento o mais acessível e significativo.

3 ENSINO DE FILOSOFIA E INTERDISCIPLINARIDADE NO CEJA RAQUEL CASTRO E SILVA DE MIRANDA

3.1 Metodologia da pesquisa e caracterização da escola

A pesquisa se orientou pelo horizonte dialógico socrático-platônico, adotou um estudo analítico-exploratório das referências bibliográficas e das fontes documentais. Teve o Centro de Educação de Jovens e Adultos Professora Raquel Castro e Silva de Miranda (CEJA RCSM), como local para a observação do processo de ensino e aprendizagem da disciplina de Filosofia na área de Ciências Humanas. O CEJA tem em sua proposta pedagógica a inclusão de jovens e adultos no processo educacional. Lá os estudantes buscam concluir a educação básica e receber a sua certificação. Propomos, com este estudo: possibilitar novos esclarecimentos e inovações metodológicas, a partir das discussões e diálogos entre os professores em seus planejamentos coletivos.

A disciplina de Filosofia é ensinada na EJA e esse ensino acontece por meio do processo de interdisciplinaridade⁴. No CEJA RCSM, todos os professores da área de Ciências Humanas atendem aos alunos em todas as disciplinas da área, independentemente de sua formação. Esse fato também se aplica às outras áreas do conhecimento. A partir da observação dessa realidade, percebemos que o processo da aprendizagem pode ser comprometido no aspecto qualidade e que tal situação nega ao aluno o direito de aprender, respeitadas as suas condições.

A interdisciplinaridade adotada no CEJA RCSM representa uma ferramenta pedagógica que possibilita a integração das diferentes disciplinas, articulando os conteúdos de modo a estabelecer uma relação entre eles, passando por todas as áreas do conhecimento. Aqui fizemos a observação de como a Filosofia é ensinada na área de Ciências Humanas e qual a sua importância para a aprendizagem das outras disciplinas da área.

O trabalho desempenhado pela Filosofia não só na EJA, mas em todo o processo educacional, é promover reflexões e a partir delas criar novas ideias. Como forma de implementação deste estudo, consideramos os momentos de planejamento

⁴ O “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa” (2009, p. 337) define interdisciplinaridade como algo que: “estabelece relações entre duas ou mais disciplinas ou ramos de conhecimento” ou “que é comum a duas ou mais disciplinas”.

coletivo entre os professores da área de Ciências Humanas do CEJA RCSM e as possibilidades de este ser um espaço de reflexão sobre as práticas de ensino e a formação que se quer oferecer ao público da EJA.

É importante ressaltar que o perfil de aluno da EJA precisa ser considerado ao se propor uma metodologia para o ensino de Filosofia. São pessoas que chegam à escola já depois de adultos e com prejuízos em sua formação, pois muitos tiveram que interromper seus estudos ou passaram por situações de reprovação escolar em etapas anteriores. Eles trazem histórias de vida e são protagonistas das suas experiências. Os conhecimentos propostos para eles devem considerar essa realidade.

O CEJA RCMS fica localizado à Rua José da Rocha Sales, 183 – Centro, Caucaia – Ceará, pertence à Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (Crede 1), tem como entidade mantenedora a Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC). Criado pelo decreto estadual nº 32.571, de 18 de abril de 2018, com a denominação de CEJA de Caucaia Centro de Oportunidades e Aprendizagens para Jovens e Adultos, passou a chamar-se CEJA Professora Raquel Castro e Silva de Miranda por força da lei estadual nº 16.781, de 27 de dezembro de 2018.

Nos três turnos de funcionamento, atende alunos das zonas urbana e rural do município de Caucaia. Esse atendimento se dá na sede da escola (sede do município) ou nos distritos, através do Projeto Itinerância (atendimento aos estudantes da zona rural deste município, em que os professores se dirigem às comunidades, levando conhecimento). Atende também alunos advindos de municípios vizinhos, como: São Gonçalo, Paracuru e Fortaleza.

O centro também possui anexos no município de Maracanaú, sede da Crede 1, onde são atendidos alunos do ensino médio da modalidade EJA, que antes pertenciam à rede municipal de ensino e, a partir de março de 2022, passaram a ter matrícula nesse centro e a pertencer à rede estadual, de acordo com a Constituição Federal em seu artigo 211, §3.

O CEJA é sediado em uma chácara urbana, cercada por muros, contendo jardins e quintal, com árvores frutíferas, plantas ornamentais e uma mini-horta. Sua estrutura conta com um refeitório aberto no quintal e uma varanda para acolher os estudantes na entrada. Os espaços para atendimento aos alunos obedecem à divisão por área do conhecimento. Além das quatro salas de atendimento, eles podem usufruir

de um laboratório de informática, que conta com computadores com acesso à internet e de um acervo bibliográfico para empréstimos de livros e pesquisas locais.

O CEJA RCMS oferta a modalidade EJA nas etapas da educação básica: ensino fundamental (séries finais) e ensino médio, no formato semipresencial. Para fazer matrícula no CEJA, o aluno terá que ter quinze (15) anos completos para cursar a etapa fundamental, e dezoito (18) anos completos para cursar a etapa do ensino médio.

No formato semipresencial, o estudante tem autonomia para planejar a sua rotina de estudos e o tempo que passará na escola. Geralmente, a procura pelo atendimento com os professores se dá para tirar as dúvidas dos conteúdos estudados ou fazer as provas. No cumprimento da sua função, a instituição garante a terminalidade da educação básica dos estudantes que o procuram, com o objetivo de dar continuidade aos estudos na educação básica, de acordo com a modalidade de ensino de EJA. De acordo com a LDB:

Art. 37 – A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º – Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º – O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º – A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. (Brasil, 1994).

A proposta pedagógica do CEJA RCSM é a inclusão dos seus estudantes, promovendo a fluidez no trâmite de certificação da educação básica; além da implementação de processos avaliativos inovadores, que tenham característica de aprendizagem, pois, na maioria das vezes, os estudantes procuram a escola apenas para fazer avaliação. Esta pesquisa propõe uma metodologia de ensino de Filosofia na Educação de Jovens e Adultos, que agregue qualidade ao processo de aprendizagem, no qual a avaliação seja emancipadora e tenha como objetivo a garantia das aprendizagens dos estudantes.

A avaliação instituída na EJA deve ser instrumento de inclusão escolar, seus critérios devem representar estratégias que venham promover a aprendizagem por

meio de projetos interdisciplinares e com a abrangência das quatro áreas do conhecimento. A sua intencionalidade é refletir sobre as intervenções pedagógicas que garantem a aprendizagem e que tenham foco no protagonismo estudantil.

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria a criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. (Freire, 2022, p. 33).

O CEJA RCSM define em sua proposta pedagógica que educar é o ato de adquirir conhecimentos e edificar novos saberes, a partir de um diálogo com a comunidade escolar. Embasa reflexões e traça diretrizes que organizam o trabalho educativo, vislumbrando desenvolver processos de formação humana, articulados a contextos sócio-históricos, a fim de reverter a exclusão e garantir aos jovens e adultos o acesso, a permanência e o sucesso no início ou no retorno destes à escolarização básica como direito fundamental.

A educação conduz os estudantes aos mais diversos campos do desenvolvimento humano e os projeta para um futuro mais justo, pacífico e sustentável em sociedade. Acredita-se que o formato da EJA semipresencial, aliado aos projetos desenvolvidos nas quatro áreas do conhecimento, seja capaz de fornecer aos professores e estudantes dessa modalidade as mais variadas possibilidades de letramento, que os levará à imersão nos conteúdos ensinados e aprendidos.

Na expectativa de responder às exigências da sociedade, a educação de jovens e adultos assume o papel de oportunizar toda ação pedagógica que se destina à formação cidadã e integral do ser humano, respeitando a diversidade presente no país e promovendo a reflexão e a discussão crítica sobre os problemas da atualidade. E, sobretudo, a promoção da aprendizagem dos conteúdos estudados na última etapa da educação básica.

Para fazer valer os direitos educativos de todos num país marcado por desigualdades e violações como o Brasil, é preciso que a EJA seja assumida como uma política universal e permanente de ação afirmativa e reparadora, orientada explicitamente ao combate das desigualdades e à promoção de direitos. É possível e desejável que a universalidade no atendimento seja composta por políticas de EJA voltadas à diversidade do seu público e que integrem múltiplas opções de oferta

educativa, escolares e não escolares, mecanismos de avaliação e certificação, além de se comprometer com a busca ativa e o chamamento de seus potenciais beneficiários.

O CEJA RCSM tem a missão de ofertar à população dos municípios de Caucaia e Maracanaú uma educação pública de qualidade, que tenha impacto positivo na vida do estudante e no seu desenvolvimento como pessoa humana, capaz de atender às demandas do mundo moderno, com responsabilidade e de forma sustentável.

O serviço educacional que o Centro oferta, tem por finalidade a promoção da aprendizagem dos estudantes que procuram o seu atendimento; às suas inserções no mundo do trabalho e as suas cidadanias plenas. Contribuindo para a transformação que a sociedade necessita, na qual as pessoas possam ser mais justas e solidárias.

O CEJA RCSM prima em sua proposta pedagógica, por uma aprendizagem protagonista, vislumbrando a excelência do desempenho dos estudantes e a conclusão por eles, das etapas de ensino ofertadas. A instituição pretende oferecer um ambiente de aprendizagem respeitoso, afetivo e democrático, capaz de acolher os saberes já adquiridos e tem como funções: permitir que jovens e adultos possam retomar os seus estudos; desenvolver suas habilidades; adquirir competências por meio da experiência vivida e preparar para a aquisição de novos saberes.

A existência desse centro representa a igualdade dos direitos ao garantir o retorno à escola dos jovens e adultos que a ela não tiveram acesso ou não concluíram na idade correlata. As perspectivas do trabalho desenvolvido pelo CEJA são: o aumento da qualificação profissional através da conclusão da escolaridade básica; da possibilidade de realização dos seus projetos de vida; e da efetiva participação política e social dos estudantes.

As ações pedagógicas do CEJA RCSM acontecem de forma planejada e seguem a organização definida pela própria escola, com base nas orientações e diretrizes para a educação de jovens e adultos da SEDUC e na LDB.

A definição de metas de aprendizagem a serem alcançadas e o acompanhamento das ações pedagógicas realizadas representam a melhoria da qualidade do ensino ofertado pelo CEJA. À medida que a escola propicia aos professores o acolhimento e o suporte necessários para o desenvolvimento das suas práticas pedagógicas, aumentam as suas condições de práxis.

A reflexão sobre os processos de aprendizagem presentes nas diversas áreas do conhecimento e nas suas respectivas disciplinas proporciona aos professores e estudantes o acesso ao conhecimento científico. Isso os ajuda a respeitar os ritmos de aprendizagem e a priorizar o atendimento aos estudantes com maiores dificuldades, facilitando sua inserção no contexto social.

A proposta curricular do CEJA pesquisado segue uma sequência de 96 módulos de estudos para o ensino médio, distribuídos nas quatro áreas do conhecimento e correspondentes aos três anos dessa etapa de ensino. Essa distribuição é da ordem de 32 módulos por série em sequência e por área do conhecimento. Assim, ao matricular os estudantes, a escola poderá considerar seus estudos anteriores e dar condições para a sua continuidade, sem prejuízo das séries já cursadas.

Totalizando 1.200 horas-aulas, o ensino médio na EJA no CEJA RCSM é ofertado de forma interdisciplinar. Os conteúdos das disciplinas estudadas são ensinados por áreas do conhecimento, sendo que o mesmo professor, desde que seja da área, pode atender não só na sua disciplina, mas também outras que compõem a sua área de atuação, possibilitando ao estudante uma aprendizagem interdisciplinar e otimizando o tempo pedagógico.

A interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido, ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários. (Brasil, 2002, p. 88-89).

As disciplinas que compõem a área de Ciências Humanas são: História, Geografia, Filosofia e Sociologia. De acordo com a distribuição feita pelo CEJA RCSM quanto aos módulos estudados em cada área do conhecimento, a Filosofia possui um total de 6 módulos, sendo 2 em cada série do ensino médio. Esses módulos versam sobre a história da Filosofia e seus temas relevantes, como política, ética e teoria do conhecimento.

A proposta curricular do CEJA em análise para o ensino de Filosofia segue os conteúdos estudados nos módulos de números 85 a 90, que abordam os conteúdos pela sua historicidade, a saber: Filosofia antiga e medieval, com destaque para os estudos em Platão, Aristóteles e Agostinho; Filosofia moderna e contemporânea, com

destaque para os estudos do Iluminismo e dos filósofos: Hobbes, Locke, Rousseau, Maquiavel e Hegel.

A partir de 2014, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) passou a incluir a EJA como público-alvo. Seu objetivo é distribuir obras e coleções de qualidade para estudantes da educação básica na modalidade da EJA, desde a alfabetização de jovens e adultos do Programa Brasil Alfabetizado até o ensino médio de todas as redes públicas de ensino, tanto para alunos das turmas da EJA presenciais quanto para os alunos do formato semipresencial dos CEJAs.

Em todos os módulos estudados no CEJA RCSM os estudantes têm acesso aos conteúdos através dos livros didáticos e das atividades feitas pelos professores, elaboradas com base nos livros adotados e de acordo com a resolução CD/FNDE nº 51/2009, que dispõe sobre o PNLD-EJA. Ao final do percurso, as atividades totalizam 6 módulos do ensino de Filosofia e atendem ao recomendado na Diretriz Curricular Nacional (DCN):

Com a perspectiva de um imenso contingente de adolescentes, jovens e adultos que se diferenciam por condições de existência e perspectivas de futuro desiguais, é que o Ensino Médio deve trabalhar. Está em jogo a recriação da escola que, embora não possa por si só resolver as desigualdades sociais, pode ampliar as condições de inclusão social, ao possibilitar o acesso à ciência, à tecnologia, à cultura e ao trabalho. (Brasil, 2011, p. 167).

Por ser uma escola exclusiva de EJA, o CEJA RCSM atende de forma semipresencial os estudantes, que escolhem os dias e horários para serem atendidos, ficando a equipe de professores disponível para orientá-los de acordo com a área de conhecimento cursada. Os atendimentos se dão por aplicações das provas dos módulos estudados e também para esclarecer as dúvidas dos estudantes.

Para cada avaliação feita, a nota mínima necessária para aprovação é 6 pontos. Ao concluir toda a sequência de módulos por disciplina, é feita uma média que compõe o histórico do estudante. Caso o aluno obtenha média igual ou maior que 6, ele passará para o módulo seguinte, que corresponde a outra disciplina, até concluir todas as áreas do conhecimento.

O CEJA RCSM oferta as etapas de ensinosa fundamental (anos finais) e o ensino médio, em formato semipresencial, mediado pela educação a distância. Assim, permite ao educando cumprir parte da carga horária do nível de ensino em que está matriculado fora da escola.

Esse centro conta com uma lógica na organização do ensino que substitui a sala de aula convencional em outros ambientes pedagógicos, com a finalidade de diversificar as oportunidades de aprendizagem ou dar continuidade ao processo de formação dos jovens e adultos que o procuram. O CEJA em análise busca adequar-se ao perfil dos estudantes da EJA e, por isso, tem funcionamento ininterrupto de janeiro a dezembro e, de segunda-feira a sexta-feira, no horário de 8h às 21h.

Possibilita, ainda, a atualização de conhecimentos para jovens e adultos que já concluíram o ensino médio, mas que desejam aprofundar seus conhecimentos ou revisá-los com o objetivo de participar de concursos públicos e vestibulares. O CEJA é responsável, também, pela emissão de certificados de conclusão do ensino fundamental dos candidatos aprovados no Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) e certificação do nível médio e declaração parcial de proficiência dos aprovados no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

3.2 Uma abordagem interdisciplinar dos conteúdos de Filosofia

No CEJA RCSM, os professores podem e devem utilizar-se da interdisciplinaridade, capaz de promover o conhecimento de todos os conteúdos estudados em todas as áreas do conhecimento, proporcionando o diálogo entre as disciplinas e entre os atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Considerando a abordagem interdisciplinar dos conteúdos de Filosofia e o trabalho pedagógico que é feito por área do conhecimento, a interdisciplinaridade pode ser vista como uma facilitadora da apreensão desses conteúdos na área de Ciências Humanas. Garrutti e Santos (2001, p. 189) enfatizam que: “A prática interdisciplinar não visa à eliminação das disciplinas, já que o conhecimento é um fenômeno com várias dimensões inacabadas, necessitando ser compreendido de forma ampla.” Para essas autoras, “o imprescindível é que se criem práticas de ensino, visando o estabelecimento da dinamicidade das relações entre as diversas disciplinas e que se aliem aos problemas da sociedade.”

A interdisciplinaridade é a comunicação entre as disciplinas e a abordagem interdisciplinar dos conteúdos representa a busca por uma educação holística, equilibrada, inclusiva e conexa, na qual o estudante é protagonista na busca do

conhecimento. Como crítica à fragmentação do conhecimento, faremos referência ao currículo e à forma como ele está organizado, o que dificulta a prática da interdisciplinaridade na escola.

O modelo de currículo organizado em torno de disciplinas tem sofrido muitas críticas, entre as quais se destacam os reducionismos científicos e a fragmentação do conhecimento. Santomé (1998) percorre essa discussão da interdisciplinaridade como norteadora de um novo paradigma curricular. Para Santomé (1998), o currículo pode ser organizado em torno de núcleos, que estariam centrados em temas, problemas, tópicos etc. De acordo com o autor, esses núcleos ultrapassaram os limites das disciplinas; os temas, por sua vez, apresentam uma sequência de ideias que, se bem exploradas, fundamentadas e estruturadas em profundidade, necessariamente atingirão a interdisciplinaridade.

De acordo com os autores, entendemos que trabalhar a interdisciplinaridade na escola pode significar a busca da superação dessa visão fragmentada e linear do conhecimento, promovendo a articulação contextualizada que se encontra na disciplinarização. De forma que esse processo venha contribuir para a aprendizagem dos estudantes, pois a interdisciplinaridade é um objetivo nunca completamente alcançado, e por isso deve ser permanentemente buscado. (Santomé, 1998).

A disciplina de Filosofia no CEJA RCSM é abordada de forma interdisciplinar e dentro da área do conhecimento das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, com enfoque para a sua historicidade e para a relevância dos seus temas, que podem e devem ser ensinados de forma que promova a aprendizagem dos estudantes não só em Filosofia, como também nas outras disciplinas da área, visto que seus conteúdos possuem correlação.

Considerando que os currículos escolares se caracterizam pela fragmentação das disciplinas e pela abordagem focada na transmissão de conteúdos isolados entre si, propomos, com esta pesquisa, um método de ensino interdisciplinar, visto que o ensino de Filosofia no CEJA RCSM ocorre por área do conhecimento.

A interdisciplinaridade, como método, é a reconstituição da totalidade pela relação entre os conceitos originados a partir de distintos recortes da realidade; isto é, dos diversos campos da ciência representados em disciplinas. Isto tem como objetivo possibilitar a compreensão do significado dos conceitos, das razões e dos métodos pelos quais se pode conhecer o real e apropriá-lo em seu potencial para o ser humano. (Ramos, 2005, p. 116).

A BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – integrada por Filosofia, Geografia, História e Sociologia – propõe a ampliação e o aprofundamento das aprendizagens essenciais desenvolvidas na etapa anterior, sempre orientada para uma formação ética. Tal compromisso educativo tem como base as ideias de justiça, solidariedade, autonomia, liberdade de pensamento e de escolha, ou seja, a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, e o combate aos preconceitos de qualquer natureza.

No ensino médio, a BNCC propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas. Tal competência é vista como elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética na sociedade.

De acordo com a base, espera-se que os jovens elaborem hipóteses e argumentos a partir da seleção e da sistematização de dados, obtidos em fontes confiáveis e sólidas. A elaboração de uma hipótese é um passo importante tanto para a construção do diálogo como para a investigação científica, pois coloca em prática a dúvida sistemática – entendida como questionamento e autoquestionamento, conduta contrária à crença em verdades absolutas.

É necessário que a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas favoreça o protagonismo juvenil, investindo para que os estudantes sejam capazes de mobilizar diferentes linguagens e engajar-se em práticas cooperativas para a formulação e resolução de problemas, considerando as aprendizagens a serem garantidas aos jovens no ensino médio.

Nessa etapa de ensino, a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas deve garantir ao estudante o desenvolvimento das seguintes competências específicas e habilidades, conforme a BNCC:

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
2. Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.

3. Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.
4. Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades”.
5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
6. Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Especificamente sobre o ensino de Filosofia na EJA, além das competências já citadas, pretendemos provocar reflexões acerca da relação desse ensino com os estudantes. Esse ensino propõe possibilidades para a construção de uma educação comprometida com a reflexão filosófica. Seus fundamentos teóricos estão no método socrático-platônico e a sua aplicabilidade considera o processo interdisciplinar.

Sócrates, filósofo grego antigo, não deixou nada escrito para que a posteridade pudesse conhecer seu pensamento. O que se sabe a respeito dele é oriundo dos registros de seus discípulos e admiradores, principalmente de Platão, que produziu bastante sobre ele. Na obra “A República” (380 a.C.), Platão narra os diálogos de seu mestre pelas ruas e praças de Atenas e nos confunde, ao distinguir o que é pensamento socrático e o que é sua própria teoria.

Não cabe à Filosofia redefinir os rumos da modalidade de ensino EJA. Porém, é válido demonstrar a sua potência no que diz respeito à superação de concepções dos professores e estudantes que fazem a modalidade. Nesse sentido, nossa pretensão foi provocar reflexões e discussões sobre o ensino de Filosofia na EJA e as possibilidades que ele representa para o desenvolvimento de uma prática pedagógica libertadora, humanizada, pautada no diálogo, no respeito e na amizade.

A ideia é que muitos questionamentos sejam levantados a respeito de uma proposta de ensino voltada para um público que há tempos não frequenta a escola, um ensino que vise contribuir para a formação de jovens e adultos autônomos, competentes e solidários. Como nos diz Freire (2022, p. 58), em “Pedagogia da autonomia”:

Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a esse respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo. Não faz mal repetir a afirmação várias vezes feita nesse texto – o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.

Esta pesquisa pretende promover no CEJA RCSM um ensino de Filosofia que possa ajudar na discussão dos problemas cotidianos e apontar caminhos racionais para solucioná-los, ajudando a promover discussões sistemáticas sobre os conhecimentos filosóficos. É de fundamental importância fazer os jovens e adultos terem o contato com o processo de reflexão, principalmente tomando como método o diálogo argumentativo sobre as questões da vida e sobre os problemas existenciais. Resgatar a identidade dos “seres pensantes” é devolver a eles a condição de serem eles próprios os mediadores de suas decisões.

A perspectiva é fazer do processo de ensino interdisciplinar da Filosofia uma construção racional que deixará professores e estudantes mais conscientes da totalidade, em que um conhecimento não está desvinculado de outro, mas um complementa o outro. Diante dessa problemática, o ensino de Filosofia para os estudantes do CEJA RCSM é de grande relevância, pois poderá ajudar a resgatar, junto com as outras disciplinas uma visão mais ampla da realidade.

Na compreensão interdisciplinar é recomendado trabalhar em sala de aula as diferentes formas de aprendizagem e relacioná-las. Todas têm em comum formar seres humanos dinâmicos e preparados para enfrentar as complexas realidades da vida. Diante disso, a perspectiva é tornar a Filosofia uma parceira na compreensão do estudante, ajudando-o a aprender e a viver melhor.

A formação que se espera da educação escolar é a busca por maior autonomia do sujeito educando, processo que é tarefa conjunta de todo o currículo, sendo, portanto, responsabilidade de todas as disciplinas. A interdisciplinaridade sugere o desenvolvimento do trabalho didático-pedagógico para o ensino de Filosofia na EJA, articulado com as demais disciplinas da área.

A Filosofia e o seu ensino, além de tornar a atividade didática mais gratificante e motivadora, conseguem, com maior fecundidade pedagógica, subsidiar o jovem e o adulto a compreender o sentido de sua experiência existencial no âmbito do sentido da existência humana em geral, compreensão essa que é considerada o objetivo intrínseco da formação filosófica.

O ensino da Filosofia na educação escolar e na EJA constitui um desafio no contexto educacional brasileiro, a partir da obrigatoriedade da disciplina no currículo do ensino médio. Considerando que a educação institucionalizada é a mediação para a formação de pessoas, conclui-se que a Filosofia seja imprescindível a esse processo formativo, ao mesmo tempo que o seu ensino requer pensar em estratégias adequadas à uma boa condução didática.

Uma das suas grandes incumbências pedagógicas no contexto escolar e na EJA é dar sentido à existência humana. A Filosofia se torna formativa, na medida em que permite ao jovem dar-se conta do seu lugar no mundo e das possibilidades de transformação de suas realidades. Pode-se, então, dizer que o papel pedagógico da Filosofia na condição de uma mediação curricular é o de subsidiar o jovem aprendiz a ler o seu mundo e a se ler inserido nele.

Superada a transversalidade⁵ que elimina o problema do ensino de Filosofia, ao eliminar a presença da disciplina no currículo da educação básica, impõe-se reconhecer a necessidade e a relevância desse componente curricular e retomar a problemática da sua didática. O processo de ensino de Filosofia não pode ser visto separado de uma visão mais abrangente do processo formativo como um todo e que precisa se realizar na etapa do ensino médio.

A Filosofia pode ser trabalhada em conjunto com as várias disciplinas, articulando os seus conhecimentos e a sua linguagem com as ciências, através da interdisciplinaridade curricular, de forma a propor o diálogo e a reflexão dos saberes escolares. O olhar interdisciplinar procura exatamente recompor na sua complexidade o significado da realidade. Não se trata de desconsiderar nem de eliminar o ser humano na realidade natural, mas de exercer a sua imanência de uma maneira específica, diferenciada, marcada por significações intencionais.

Pretendemos, com esta pesquisa, propor reflexões metodológicas entre os professores do CEJA RCSM sobre o ensino de Filosofia de forma interdisciplinar e voltado para uma práxis pedagógica possível no contexto da EJA. Pois a escola é o local em que se procura desenvolver esse tipo de ensino, porém, a sua prática ainda

⁵ “Termo que, na educação, é entendido como uma forma de organizar o trabalho didático na qual alguns temas são integrados nas áreas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas. O conceito de transversalidade surgiu no contexto dos movimentos de renovação pedagógica, quando os teóricos conceberam que é necessário redefinir o que se entende por aprendizagem e repensar também os conteúdos que se ensinam aos alunos”. (Menezes; Santos, 2001, p. 581).

precisa ser compreendida melhor. Não se tem a pretensão de trazer soluções e inovações sobre o assunto, mas pensar alguns aspectos em torno da problemática.

Como se sabe, a estrutura do currículo na educação básica é disciplinar e falar em currículo é bastante complexo. Ao escrever sobre a “Metodologia do Ensino de Filosofia”, Silvio Gallo (2012) nos lembra que: A organização curricular das disciplinas as coloca como realidades estanques, sem interconexão alguma, dificultando para os alunos a compreensão do conhecimento como um todo integrado, a construção de uma cosmovisão abrangente que lhes permita uma percepção totalizante da realidade.

Ainda de acordo com o autor, a interdisciplinaridade não rompe com o problema fundamental, com a concepção hierárquica, que tem como base uma visão unitária. O saber fragmentado e sua especificação não serão superados pela interdisciplinaridade (relação estabelecida entre as disciplinas do currículo da educação básica), mas pela transdisciplinaridade (processo de inclusão de temas ao currículo da educação básica), cuja imagem ou metáfora é o rizoma que não nos remete à unidade, mas à multiplicidade, a uma complexidade.

A interdisciplinaridade parte do princípio de que todo conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos, que pode ser de questionamento, negação, complementação, ampliação e iluminação de aspectos não distinguidos. As disciplinas escolares são recortes das áreas de conhecimento que representam, carregam sempre um grau de arbitrariedade e não esgotam isoladamente a realidade dos fatos físicos e sociais, devendo buscar entre si interações que permitam aos alunos a compreensão mais ampla da realidade.

É preciso lembrar que interdisciplinaridade pressupõe disciplinas, no caso da Filosofia isso se torna mais complexo. Enquanto disciplina, compreende-se a especificação de um conteúdo para uma qualificação e formação. Com relação à Filosofia, qual seria a sua contribuição? Por meio de quais conteúdos ensinados? Pode a Filosofia ser submetida a uma finalidade fora dela e ser institucionalizada? Temos aí uma reflexão em torno das concepções da Filosofia e sua função; depara-se também com uma certa contradição entre a sua utilidade e inutilidade.

Para Kohan (2007, p. 58), “a Filosofia habita essa contradição: ela necessita ser transmitida e é, ao mesmo tempo, intransmissível. [...] A Filosofia é uma disciplina impossível e necessária; inútil e indispensável.” É preciso ter parâmetros definidos ao se buscar a interdisciplinaridade. Consolidada a Filosofia como disciplina curricular, e

ao se pensar a interdisciplinaridade, é preciso compreender em que consiste, enquanto disciplina e qual seu papel, pois a Filosofia em si já é interdisciplinar por sua natureza, e ensinar Filosofia é uma atividade interdisciplinar.

De acordo com o MEC, no Novo Ensino Médio o aluno estudará Ciências Humanas e Sociais Aplicadas por meio de um olhar articulado da Filosofia, Geografia, História e Sociologia:

Sendo o aprofundamento de conhecimentos estruturantes para aplicação de diferentes conceitos em contextos sociais e de trabalho, estruturando arranjos curriculares que permitam estudos em relações sociais, modelos econômicos, processos políticos, pluralidade cultural, historicidade do universo, do homem e natureza, dentre outros, considerando o contexto local e as possibilidades de oferta pelos sistemas de ensino. (Brasil, 2002, p. 573).

O currículo educacional brasileiro já sofreu muitas mudanças com relação aos seus referenciais, ou seja, às disciplinas que o compõem. A Filosofia, enquanto componente curricular, exerce o papel de subsidiar a formação humana e cidadã do estudante. Porém, historicamente, a presença dessa disciplina no currículo foi marcada pela impermanência, estigma, desprezo e marginalização, sendo substituída pelas disciplinas de Educação Moral e Cívica e OSPB, durante os anos de ditadura militar em nosso país.

Na década de 1990, a disciplina de Filosofia retorna ao currículo escolar, como disciplina reflexiva. Conforme a LDB nº 9.394/96 (art. 36, § 1º, inciso III), no ensino médio, a escola deve fornecer ao aluno “o domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.” A obrigatoriedade das disciplinas só foi instituída pela lei nº 11.684/08, quando sancionada e de maneira gradual reinseriu as disciplinas no currículo e permitiu a contratação de profissionais licenciados nas áreas para exercerem a docência (Brasil, 1996).

Após quase quatro décadas, a disciplina de Filosofia foi novamente incorporada ao currículo do ensino médio, em junho de 2008, com a entrada em vigor da lei nº 11.684. A medida tornou obrigatório o ensino da disciplina nas três séries do ensino médio. Ela havia sido banida do currículo em 1971 e substituída por educação moral e cívica.

A nova legislação deu força de lei ao parecer nº 38/2006 do CNE, que tornava obrigatória a inclusão da Filosofia no ensino médio sem estabelecer, no entanto, em

que série deveria ser implantada. Na época, a disciplina já era adotada em instituições de ensino médio de 17 estados brasileiros, incluindo o Ceará.

De acordo com o Conselho Nacional de Educação (CNE), a escola brasileira, de um modo geral, carece muito de uma dimensão crítica e analítica, ainda na educação básica. A escola precisa trabalhar com a metodologia investigativa já no ensino médio, os conteúdos de Filosofia são extremamente importantes do ponto de vista da cultura escolar, eles proporcionam reflexões a partir de uma análise da realidade.

Pesquisar sobre o ensino de Filosofia na educação básica e mais especificamente na EJA pressupõe uma disposição para investigar qual tipo de aprendizagem se quer. A proposta aqui é a valorização do diálogo como fundamento de toda a didática aplicada no ensino de Filosofia. Esta se fundamenta nos diálogos socrático-platônicos e na pedagogia de Paulo Freire, que entendem ser a aprendizagem dialógica a condição para a construção de conhecimentos verdadeiros, que possibilitam a formação de uma postura crítica e investigativa.

A partir da compreensão de sermos e estarmos no mundo, o protagonismo estudantil vem a ser a condição para que a aprendizagem dialógica se dê. Esse modelo de aprendizagem coloca o estudante no centro do processo, construindo-a com o professor. Este pode fazê-los perceber que a força está nos argumentos mais do que na hierarquia de quem está falando. Para que o diálogo seja igualitário todos devem ter a mesma oportunidade de falar e de ser escutados – não importa a função exercida. Ter os estudantes como protagonistas torna o ambiente educacional mais atrativo. A sensação de pertencimento aumenta o engajamento que, por sua vez, resulta em um processo de ensino-aprendizagem mais eficaz.

A BNCC determina que o protagonismo estudantil deve ser estimulado desde a educação básica, em todas as áreas do conhecimento, permitindo que os estudantes cheguem ao ensino médio com o suporte necessário para a construção de seu projeto de vida: “É, também, no ambiente escolar que os jovens podem experimentar, de forma mediada e intencional, as interações com o outro, com o mundo, e vislumbrar, na valorização da diversidade, oportunidades de crescimento para seu presente e futuro.” (Brasil, 2018, p.464).

A interdisciplinaridade é uma das sugestões para a escola promover o protagonismo dos estudantes. De acordo com a BNCC: “Interdisciplinaridade: a criação de projetos em diferentes áreas do conhecimento permite que os estudantes

compreendam a inter-relação entre os conteúdos e apliquem seus aprendizados de forma integrada” (Brasil, 2018, p. 471).

A implementação das competências gerais da base implica na promoção do protagonismo estudantil por parte das escolas, sendo esse um dos aspectos fundamentais que compõem as diferentes dimensões de atuação da gestão escolar democrática. O estudante precisa ser instigado a protagonizar soluções e a buscar suas próprias respostas aos problemas que lhe apresentam.

O protagonismo estudantil se dá quando o estudante é colocado no centro do processo de aprendizagem. Ele tem mais autonomia e é corresponsável por seu próprio conhecimento, ao invés de ser colocado em uma posição passiva de receptor. A sensação de pertencimento aumenta o engajamento dos estudantes, que por sua vez resulta em um processo de ensino-aprendizagem mais significativo e eficaz.

É preciso pensar em como cada disciplina do currículo pode auxiliar neste processo de protagonismo estudantil, e os educadores devem refletir sobre como a matemática, as linguagens e as ciências humanas podem ajudar. Com o mundo cada vez mais repleto de vivências, é muito importante que a escola e os professores busquem novas ideias e atividades de construção de conhecimento, valorizando e estimulando a participação do estudante nesse processo.

A participação do estudante da EJA no seu processo de aprendizagem e de escolarização, no qual existe o protagonismo estudantil, sugere uma análise sob a perspectiva de Paulo Freire (2022), que o define este como um movimento capaz de tirar o estudante da condição de receptor, passivo e desprovido de conhecimento e colocá-lo no centro do processo ensino-aprendizagem.

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos vinte e cinco anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É nesse sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (Freire, 2022, p. 105).

Ao pesquisar o ensino de Filosofia na EJA, buscamos promover reflexões acerca do ensino da disciplina, da modalidade, dos professores e estudantes, enquanto protagonistas da ação educativa, baseados nos seguintes questionamentos: de que forma ocorre o protagonismo estudantil no CEJA? Como a interdisciplinaridade tem contribuído para a aprendizagem dos estudantes? Qual

metodologia pode facilitar o ensino e a aprendizagem dos conteúdos de Filosofia no CEJA?

A partir desses questionamentos, é possível estabelecer relações entre ensino de Filosofia, protagonismo estudantil e interdisciplinaridade, no sentido de os professores e estudantes perceberem que os processos de construção das aprendizagens relacionam-se entre si. Ao fazer uso de uma metodologia dialógica de ensino, que tem o propósito levar o aluno a perceber a sua utilidade para a vida, o docente consegue promover a aprendizagem da Filosofia.

A falta de compreensão em relação às especificidades de jovens e adultos que retornam ao espaço escolar, expressa-se na falta de sintonia entre essa escola e os alunos que nela estudam. A escola deveria ser o espaço de transformação, mas, para que isso aconteça, a visão de transmissão de conhecimento precisa ser superada para que seus estudantes deixem de ser vistos como pessoas vazias e desprovidas de conhecimentos.

As concepções da EJA que trazem em seu bojo os fundamentos da Educação Popular e de Filosofia têm uma visão ampliada de educação para além das matrizes curriculares, porque se preocupa com uma educação totalizante do ser. Filosofia, EJA e Educação Popular enfatizam uma visão totalizante do jovem e do adulto como ser humano; indivíduo com direito a se formar como ser pleno, nos aspectos social e cultural.

Nesse sentido, percebe-se a mudança de paradigmas e fundamentos da educação de jovens e adultos, modificando o conceito de EJA ao longo do tempo, formando sujeitos capazes de ler e contar as palavras escritas e os números à sua volta, mas principalmente capazes de refletir sobre seu contexto social e compreender como esses conhecimentos se aplicam em seu cotidiano. É o que Paulo Freire chama de perspectiva crítica da educação.

Portanto, as metodologias adotadas para o ensino de Filosofia na educação de jovens e adultos devem valorizar o protagonismo do estudante e facilitar a sua compreensão sobre si e o seu lugar no mundo, por meio do processo de aprendizagem. Com isso, pode-se fazer a ligação entre a atuação dos professores e os motivos que levam os estudantes a permanecerem ativos na sala de aula, mesmo tendo inúmeros desafios impostos.

O problema que esta pesquisa evidenciou foi a dificuldade dos estudantes quanto à compreensão dos conteúdos de Filosofia ensinados de forma interdisciplinar

no CEJA RCSM. A análise partiu da observação da dinâmica de funcionamento do CEJA, que tem como característica principal a aplicação de provas. Lá os estudantes não têm aulas, apenas tiram as dúvidas da matéria e fazem provas. Esperamos que, ao tirar as dúvidas dos alunos, professores possam acessar com fluidez e propriedade pedagógica os conteúdos ensinados na área, a partir das discussões presentes nos planejamentos coletivos.

A hipótese apresentada e que visa a solução do problema é a de implementação de uma metodologia de ensino de Filosofia que seja pautada no diálogo e na argumentação e que tenha como ponto de partida os planejamentos coletivos dos professores da área de Ciências Humanas. Essa metodologia tem fundamentação teórica nos diálogos socrático-críticos de Platão, nos quais destacam-se a ironia e a maiêutica e se utiliza do processo da interdisciplinaridade para o ensino no CEJA.

A ironia e maiêutica constituem as principais formas de atuação do método dialético de Sócrates, desfazendo equívocos e descobrindo nuances que permitam reflexão, proporcionando a criação de juízos cada vez mais fundamentados na razão.

Os diálogos de Platão representam a Filosofia platônica na sua forma escrita. Ao contrário de seus predecessores pré-socráticos e de seu mestre Sócrates (que, deliberadamente, não deixou nenhum escrito), Platão confiou ao diálogo a expressão e transmissão de sua Filosofia. O diálogo platônico tem sua origem na dialética socrática e visa reproduzi-la.

Para tratar da utilidade do ensino de Filosofia para os estudantes e da possibilidade de conscientização e transformação da realidade vivida, enquanto uma ação política, visto que a escola forma para a cidadania, tomamos com fundamento teórico o livro “A República”, de Platão, que narra a história Alegoria da caverna”. Além disso, o diálogo entre Sócrates e Glauco visa apresentar ao leitor a teoria platônica sobre o conhecimento da verdade e a necessidade de que o governante da cidade tenha acesso a esse conhecimento. No texto de Platão, Sócrates fala para Glauco imaginar a existência de uma caverna onde prisioneiros vivessem desde a infância. Com as mãos amarradas, em uma parede eles veem somente as sombras que são projetadas. Homens passam ante a fogueira, fazem gestos e passam objetos, formando sombras que, de maneira distorcida, são todo o conhecimento que os prisioneiros tinham do mundo.

4 A FILOSOFIA SOCRÁTICO-PLATÔNICA E A EJA

4.1 A Filosofia socrático-platônica como método de ensino

Como forma de superar as dificuldades apresentadas pelos estudantes da EJA, no que diz respeito à compreensão dos conceitos filosóficos ensinados, propomos uma reflexão sobre a metodologia para o ensino de Filosofia no CEJA RCSM. Esta pesquisa teve suas bases teóricas na Filosofia socrático-platônica. Na metodologia dialógica, pela qual professores e estudantes podem interagir na construção do verdadeiro conhecimento e que este tenha caráter libertador. Uma metodologia que promova o protagonismo estudantil, o desenvolvimento da autonomia dos alunos e estimule as reflexões necessárias sobre os saberes adquiridos.

Nesta pesquisa, consideramos a interdisciplinaridade como ferramenta pedagógica a serviço do conhecimento das disciplinas que compõem a área de Ciências Humanas. Este processo faz a relação entre a Filosofia e as outras disciplinas acontecer e facilita a compreensão dos seus conteúdos. Para isso, propomos que durante os planejamentos coletivos dos professores, aconteçam discussões e reflexões acerca dos conteúdos ensinados, do método de avaliação aplicado pela instituição e de como este processo educacional impacta na mudança de vida dos alunos.

Para falar do diálogo, que é de grande interesse para a pesquisa sobre o método de ensino de Filosofia, consideramos conveniente desenvolver uma definição de como esse processo se caracteriza na obra de Platão. Seus diálogos têm Sócrates como personagem principal e nele percebemos a sua capacidade de suscitar no interlocutor um sentimento de insatisfação, que pode ser interpretado como desejo de mudar a vida. Platão se contenta em desenvolver uma metodologia e não pretende com ela chegar a resultados definitivos.

No que concerne a Platão, um fator preciso de descontinuidade se delinea entre a fase dos diálogos aporéticos e aquela dos diálogos ditos metafísicos, no sentido de que a passagem dos primeiros aos segundos marca um salto indiscutível de qualidade na perseguição do mesmo tipo de pesquisa sobre as estruturas portadoras da condição humana; na capacidade de remontar para além dos grupos linguísticos e da lógica dos conceitos, para além da própria essência de uma

noção, até levantar o véu das estruturas (presumidas) verdadeiramente metafísicas do real. (Rossetti, 2015, p. 178).

Por meio da Filosofia de Platão e da observação de como se dá o ensino de Filosofia no CEJA RCSM, fizemos neste capítulo uma análise da concepção de educação em Platão, tendo como ponto de referência o processo de construção do Estado (Polis) na obra “A República”. Inicialmente, apresentamos o papel da educação e sua relevância na formação de uma comunidade ideal alternativa. Numa outra perspectiva, delineamos os principais pontos da pedagogia platônica associada à política, de modo a refletir como Platão forneceu os fundamentos para a sistematização da educação e as bases filosóficas do ensino.

As reflexões e as propostas relativas ao ensino de Filosofia na educação de jovens e adultos foram feitas considerando a metodologia adotada no CEJA pesquisado e a partir do perfil dos estudantes dessa modalidade de ensino, visto que nela se encontram as maiores carências educativas e as muitas dificuldades de aprendizagem. Para solucionar esse problema é preciso buscar mediações didáticas que possam fazer a diferença, facilitem a superação entre teoria e prática e promovam uma prática filosófica (práxis) que envolva os estudantes no processo e estes percebam o sentido dessa aprendizagem em suas vidas.

Na atualidade, começou-se a interpretar o ensino de Filosofia como um campo complexo de problematização filosófica, com teorias e questões singulares estabelecidas com base na prática concreta de ensinar Filosofia e da reflexão que a própria Filosofia faz sobre o sentido e as condições de sua transmissão. Essa mudança de perspectiva serviu não somente para redefinir e enriquecer o espaço da “didática especial em Filosofia”, mas também possibilitou que a relação entre o ensino de Filosofia e as diferentes disciplinas do campo da educação tivesse deixado de ser uma simples aplicação das segundas à primeira para converter-se em um importante âmbito de diálogo interdisciplinar. (Cerletti, 2009, p. 90).

O ensino de Filosofia na educação básica existe desde o período colonial do Brasil, embora a sua presença no currículo seja marcada pela impermanência. Ao longo desses anos, também mudaram o seu sentido e a sua função, de acordo com as orientações dos sistemas de ensino e da legislação, que através da lei nº 5.692 de 1971, deixa de lado as humanidades para priorizar as disciplinas técnico-profissionalizantes, a Filosofia tornou-se optativa no currículo na educação no Brasil.

Ao se pensar uma escola com foco na qualidade do seu processo de ensino, que tenha equidade e que todos aprendam, ensinar Filosofia passa a ser também uma

exigência democrática do saber, visto que o conhecimento filosófico se processa a partir do direito que todos têm de aprender Filosofia e aprender a filosofar.

A concepção de educação em Platão, a partir da construção do Estado ideal, pode ser analisada com base nos diálogos descritos em suas obras, em particular na obra “A República”, e tem como fio condutor o método dialógico. As questões relativas ao processo de formação do Estado ideal e do sistema educacional estão alicerçadas teoricamente nas categorias analíticas, formação da pólis, democracia e conhecimento.

Ao retornar ao ensino médio na década de 1980, a Filosofia trouxe novos desafios didático-pedagógicos para o seu ensino. Um deles é a sua didática e os questionamentos que ela traz: como ensinar e tornar acessível o saber filosófico? Isso envolve a necessidade de examinar a relação entre a Filosofia e as outras disciplinas do currículo, além da necessidade de envolver os estudantes e fazê-los perceber-se como centro do processo e protagonistas das suas aprendizagens.

Desde a Antiguidade, a Filosofia tem se afastado do senso comum. O pensamento antigo é marcado pela opinião (doxa) e pela ciência (episteme). A oposição entre elas foi consagrada por Platão, para quem a opinião, limitando-se ao mundo sensível, constitui o oposto da ciência, conhecimento das essências imutáveis e subsistentes. Como comprometer-se com a democratização do acesso ao saber, que pretende na educação básica promover o encontro entre a Filosofia e o senso comum?

Na “Alegoria da Caverna”, Platão fala sobre a dificuldade do prisioneiro liberto em retornar à caverna depois de ter contemplado as verdades do mundo inteligível: “Concorda ainda comigo, sem te admirares pelo facto de os que ascenderam àquele ponto não querem tratar dos assuntos dos homens, antes se esforça sempre por manter a sua alma nas alturas.” (Platão, 1993, p. 321).

O prisioneiro que conseguiu se libertar desejaria permanecer nas alturas, contemplando as coisas divinas, mas Platão o faz voltar para ensinar aos outros que permaneceram na caverna, ou seja, ao senso comum, a verdade que havia contemplado. A ideia é fazer do ensino de Filosofia no CEJA RCSM algo que a torne acessível ao senso comum, promovendo diversas formas de aproximação com o saber filosófico, aumentando no estudante o interesse pela Filosofia.

De acordo com a reflexão sobre educação em Platão, devemos entender o contexto em que se processam os seus diálogos. O filósofo se interessou pelos

assuntos políticos e consolidou seu projeto aproximando-se de Sócrates. O caminho percorrido por Sócrates fundamentava-se no diálogo bem conduzido. Essa condução consistia em demolir as opiniões frágeis e enganosas, as noções equivocadas e auxiliar aqueles que se dispunham ao esforço de conhecer, após admitirem a própria ignorância. Assim, Platão definia suas propostas políticas, levando em consideração a política justa feita com ciência, com ética e sobre uma base pedagógica sólida.

O projeto de difusão do conhecimento filosófico na EJA não tem a intenção de converter em filósofos todos os homens. Essa ideia também é defendida nos PCN relativos ao ensino de Filosofia: “nem se pode ter a veleidade de pretender formar filósofos profissionais e nem se deve banalizar o conhecimento filosófico. Ambos os equívocos esvaziam o sentido e invalidam a pertinência da Filosofia no Ensino Médio.” (Brasil, 2005, p. 52).

A educação escolar deixou de girar em torno do saber docente e passou a ter como referência as carências dos estudantes que aprendem. Fazendo o ensino girar em torno do educando e sobre a aquisição de noções de Filosofia, quando aliadas às habilidades intelectuais, oferecem aos estudantes condições para ampliar sua compreensão da realidade, amadurecer ideias, pensar valores e tomar decisões na vida. No entanto, é necessária a reflexão permanente sobre os conhecimentos, as práticas pedagógicas e as intencionalidades para o ensino de Filosofia na EJA.

A metodologia sugerida nesta pesquisa para o ensino dessa disciplina no CEJA RCSM representa a capacidade de introduzir os estudantes jovens e adultos dentro da história do conhecimento filosófico, pois bons procedimentos metodológicos não se dissociam dos conteúdos estudados. Sobre o tema do ensino de Filosofia e a sua natureza reflexiva, vale reiterar o que está disposto nos PCN:

[...] para além do conteúdo concreto a ser ensinado, o que está em questão, é, antes a necessidade de tornar familiar ao estudante um modo de pensar [...] a conexão interna entre conteúdo e método deve tornar-se evidente, que o estudante tenha se apropriado significativamente de um determinado conteúdo filosófico significa, ao mesmo tempo, que ele se apropriou conscientemente de um método de acesso a esse conteúdo. (Brasil, 1998, p. 50).

A didática da Filosofia procura criar mediações pedagógicas que facilitem o processo de aprendizagem e que promovam a transição para a construção da capacidade de pensar de forma autônoma, permitindo ao estudante construir suas aprendizagens por meio do seu protagonismo. O projeto educativo do ensino de

Filosofia na EJA é a busca pela autonomia intelectual dos estudantes, como forma de superação da sua incapacidade de fazer uso do seu entendimento sem a direção de outra pessoa.

Pensar os fundamentos filosóficos do ensino de Filosofia é pensar a própria concepção de Filosofia e a própria atividade filosófica. Existem características no ensino dessa disciplina que transcendem o modo como outras áreas do conhecimento transmitem seus saberes, e isso faz do ensino de Filosofia um ensino único. É por isso que pensar seus fundamentos e o problema do seu ensino na EJA é fazer uma análise na qual pode emergir uma recusa por completo ao modelo atual de ensino de Filosofia que temos no Brasil.

Quando falamos do ensino de Filosofia parece que estamos apontando para algo objetificado, acabado e que podemos manipular sem dificuldades. Não bastam ferramentas ou instrumentos para o ensino de Filosofia, é necessário filosofar! Esse ensino é muito mais que o mero uso de ferramentas e instrumentos adequados para sua transmissão, que isso não seja entendido como uma redução do ensino de outras áreas do conhecimento. Logo, a docência em Filosofia é um chamado filosófico que convoca professores e estudantes enquanto pensadores.

Em nosso entendimento, não pode haver um ensino verdadeiramente filosófico da Filosofia se os professores não se colocarem como pensadores de fato, muito mais do que meros transmissores altamente capacitados no uso de instrumentos e ferramentas para transmitir conceitos históricos e estudantes dispostos à problematização típica da atividade filosófica. Precisamos pensar, afinal, o que é ensinar Filosofia? É possível ensinar Filosofia? Ensina-se Filosofia ou a filosofar?

Sócrates não teve de vestir as roupas do pedagogo em Filosofia; é pedagogo porque é enquanto filósofo, quer dizer, maiêutico. Logo não há necessidade da didática para ensinar Filosofia. Basta fazer Filosofia; a melhor formação pedagógica de um professor de Filosofia é sua formação filosófica [...]. (Rodrigo, 2009, p. 31).

O ensino de Filosofia é a transmissão de conteúdos filosóficos elaborados ao longo da história por filósofos. De certa maneira, não se pode negar que isso seria um tipo de ensino de Filosofia, mas de uma Filosofia objetificada, coisificada, manuseável e supostamente fechada. Um ensino estéril, uma vez que a mera transmissão do conteúdo não faz com que o educando reflita sobre ele, nem que o professor torne o conteúdo ensinado uma experiência filosófica. Discutir esse ensino passa

necessariamente pela discussão sobre a definição de Filosofia e o que é o próprio ato de filosofar.

A história do ensino dessa disciplina está recheada de tentativas das mais variadas, em conceituar a Filosofia e o filosofar. Todo esse debate acaba influenciando o sentido de ensinar ou transmitir a Filosofia. Para além dessa discussão, existe aquela mais específica que diz respeito à formalização e institucionalização do ensino que torna o ensino restrito ao conteúdo proposto pelo Estado e às instituições responsáveis, limitando a sua capacidade de atuação na vida dos estudantes.

Fazer a Filosofia acontecer, por meio do seu ensino no ambiente escolar, vai depender, necessariamente, daquilo que chamamos de postura filosófica. Trata-se de uma postura de abertura ao diálogo, à investigação profunda, ao questionamento das estruturas que condicionam a própria arte de pensar, de educar e transmitir informação. Platão defendia que toda educação era de responsabilidade estatal, reivindicava o acesso universal à educação e a mesma instrução para todos.

Nesse sentido, e enquanto atividade constante, “Filosofia” não é definível, pois é prática constante e constituinte. Essa atividade é a adoção de elementos históricos que precisam ser, a todo instante, revisados, reavaliados e usados como ferramenta de crítica, construção ou desconstrução, como também uma proposta de intervenção direta na realidade concreta, conforme o projeto político de Estado e de educação.

Tomando Sócrates como uma referência fundamental, filosofar é uma atividade interrogativa, investigativa e crítica, não escapando nada a seu crivo. Muito mais que resolução de problemas, a Filosofia se coloca como criadora e identificadora de problemas na realidade. Esses fundamentos devem nortear todo e qualquer ensino de Filosofia, seja no ensino médio, seja no ensino superior. Nesse sentido, Cerletti (2009, p. 9) afirma que:

[...] aprender e ensinar Filosofia não está desligado do próprio ato de fazer Filosofia (ato de filosofar). Filosofia e filosofar caminham juntos. Por isso é de extrema importância que o ensino de Filosofia seja capaz de criar espaços para o pensamento, para a produção, problematização e investigação filosófica. Longe disso, o ensino de Filosofia não passa de mera reprodução mecânica de conceitos consagrados pela história.

O ensino de Filosofia deve ser investigativo, crítico, problematizador, dotado de um questionamento constante a todo e qualquer aspecto da realidade, permitir o

espaço para o pensamento autônomo e para a criação de conceitos ou a reprodução crítica dos conceitos históricos ou sua rejeição. O que não pode acontecer é um ensino completamente voltado para a transmissão mecânica desse saber, sem pensá-lo de maneira autônoma. Todas essas condições tornam o ensino de Filosofia um ensino vivo e constante.

O professor de Filosofia do CEJA RCSM deve saber lidar com a inquietação própria da Filosofia e com os desafios do seu ensino e saber provocar nos alunos o interesse pelos seus conhecimentos e a utilidade que este pode ter em suas vidas. O professor dessa disciplina deve estimular o desejo pelo filosofar, o desejo de provocar inquietações, pois seu ensino está para além de dominar os conceitos filosóficos. Ensinar Filosofia é ensinar a filosofar, estimulando a intenção e a atitude de perguntar, de problematizar, de criar e de construir conceitos.

4.2 A relação entre a “Alegoria da caverna” e o conhecimento

É possível pensar uma relação direta entre a atividade filosófica e a autonomia do sujeito pensante no uso da sua razão. A atividade filosófica preza pela capacidade crítica e uma visão do conhecimento enquanto processo contínuo, o que é contrário à noção de saber acabado e fechado. A “Alegoria da caverna” é um diálogo platônico que alude à preponderância do conhecimento racional sobre o conhecimento vulgar.

A “Alegoria da caverna” faz uma analogia à vida humana e à aquisição do conhecimento. A caverna representa o mundo, todos os indivíduos encontram-se dentro da caverna e acreditam apenas nas imagens que são refletidas pela fogueira. Para Platão, o conhecimento é o elemento primordial de um bom governante. Por isso, no livro VII de “A República”, o autor afirma que o filósofo deve ser como o prisioneiro liberto da caverna. Essas características são fundamentais para o governante: a busca pela verdade.

A educação é o processo de humanização e no projeto pedagógico-político de Platão, o filósofo desempenha dois papéis essenciais: de um lado é o educador por excelência; de outro, o destinado ao governo da cidade. Assim, educação e política são as competências próprias do filósofo. A “Alegoria da caverna” aplicada ao aprendizado e à educação nos mostra a relação entre a educação e a verdade.

Quando o prisioneiro se liberta e sai da caverna, compreendemos que, na visão de Platão, o aprendizado é um processo difícil e, muitas vezes, até mesmo doloroso.

É nesse sentido que devemos refletir sobre um ensino de Filosofia considerando os fundamentos da própria Filosofia e da atividade filosófica. O seu ensino deve estar atrelado a critérios pedagógicos e didáticos, pois ele nos remete a uma postura, uma tomada de posição, tanto do professor quanto dos estudantes em sala de aula. Para tanto, é fundamental que o ensino de Filosofia não se construa limitado pela reprodução acrítica dos conceitos e nem pelas exigências pragmáticas que, por muitas vezes, não respondem aos anseios da própria comunidade escolar.

Sabemos que por trás da prática pedagógica de cada professor de Filosofia tem uma concepção que norteia e fundamenta tal prática. A fundamentação teórica que dá suporte para a essa proposta metodológica de ensino está nos diálogos escritos por Platão, na busca de respostas que transcendem a aparência das coisas e na construção de atitudes filosóficas que permitam questionar sobre o mundo, a existência, a verdade, o belo, o bem, entre outros.

A atitude filosófica consiste em indagar sempre sobre o que nos inquieta, bem como nos posicionarmos diante do que conseguimos desvelar, descobrir e conhecer a partir das dúvidas e inquietações que movem ao questionamento e à reflexão. Diante das relações desenvolvidas na sociedade contemporânea, quais questões têm sido colocadas pela humanidade? E pelos estudantes que frequentam as escolas públicas? O atual modelo de sociedade permite aos jovens construir atitudes filosóficas em relação ao mundo existente? Como estimular os estudantes da EJA à reflexão filosófica no contexto atual?

Introduzir estudantes da educação básica na utilização de procedimentos filosóficos frente à sociedade contemporânea é um dos grandes desafios da disciplina de Filosofia, a entrada nesses procedimentos pressupõe o domínio de um referencial teórico e metodológico pelo professor, que deverá realizar sua escolha axiológica e categorial que fundamenta a sua visão de mundo, bem como a sua prática profissional. Ele precisa, portanto, “definir para si mesmo o lugar onde pensa e fala [...]” (Favaretto, 1996, p. 77).

O interesse pela reflexão filosófica será despertado se os conteúdos forem significativos para o estudante e, além disso, devem ligar-se às experiências, conhecimentos e valores que trazem da vida. Sendo assim, é recomendado que o saber filosófico possa motivar e despertar o interesse através de estratégias didáticas

que estabeleçam relações entre o saber da Filosofia e os saberes das experiências vividas pelos estudantes.

Os conteúdos filosóficos ensinados na educação básica estão organizados de forma sistematizada, fazendo referência à organização desses conteúdos, com a intenção de conferir-lhe unidade e ordem. Desse modo, facilita a orientação de muitos conhecimentos, visando a aprendizagem. Esse modelo de organização faz o saber filosófico ficar reduzido a uma esquematização simplificada dos produtos do pensamento, deixando muitas vezes o raciocínio e a argumentação esquecidos.

A sistematização dos programas da disciplina de Filosofia contribui para o empobrecimento e desvirtualização da atividade reflexiva. Embora essa disciplina busque por uma organização do saber, não se pode esquecer que esse não é o seu ponto de partida. Contra a perspectiva tradicional que enfatiza a sistematização dos conteúdos filosóficos, a didática da Filosofia tem atribuído grande importância à noção de problema como sendo este o ponto de partida do seu ensino na educação básica.

Na conjuntura posta pelo atual ensino médio, cabe ao professor ser o mediador entre a Filosofia e os alunos iniciantes, que não possuem ainda as qualificações requeridas para ter acesso a esse saber por conta própria, o que supõe que ele seja capaz de traduzir em termos simples um saber especializado. Para dar conta dessa tarefa, muitos desafios precisam ser superados, desde as deficiências de sua própria formação e as carências de seus alunos, até condições institucionais adversas ao ensino da disciplina, como, por exemplo, o tempo exíguo que lhe é destinado na grade curricular. (Rodrigo, 2009, p. 69).

Pensar uma didática para o ensino de Filosofia é pensar no processo de ensino-aprendizagem, considerando duas perspectivas: a tradicional – centrada no ensino como instrução ou transmissão de conhecimentos filosóficos pré-existentes – e a da aprendizagem – que considera não apenas a aquisição de conteúdos, mas também o desenvolvimento de capacidades e habilidades cognitivas, implementadas nas práticas escolares. A primeira remete a uma transposição didática centrada na exposição do professor e a segunda privilegia o processo da construção do conhecimento pelos estudantes.

Esta pesquisa em ensino de Filosofia na EJA privilegia o protagonismo estudantil no processo de construção da aprendizagem, tendo como base a interação com o professor e os colegas e a abordagem dos conteúdos de forma interdisciplinar. A metodologia de ensino sugerida tem fundamentação teórica nos diálogos de

Sócrates, escritos por Platão, e considera os seus ensinamentos e as suas contribuições para o verdadeiro conhecimento.

[...] imagina a nossa natureza, relativamente à educação ou à sua falta, de acordo com a seguinte experiência. Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz, que se estende a todo o comprimento dessa gruta. Estão lá dentro desde a infância, algemados de pernas e pescoços, de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar para frente; são incapazes de voltar a cabeça, por causa dos grilhões; serve-lhes de iluminação um fogo que se queima ao longe, numa elevação, por detrás deles; entre a fogueira e os prisioneiros há um caminho ascendente, ao longo do qual se construiu um pequeno muro, no gênero dos tapumes que os homens dos “robertos” colocam diante do público, para mostrarem as suas habilidades por cima deles. (Platão, 1993, p. 210).

O que essa alegoria tem a ver com a educação e com a metodologia dialógico-argumentativa, que se pretendeu com esta pesquisa para o ensino de Filosofia? Na “Alegoria da caverna” de Platão, é possível perceber a educação como uma ação didático-pedagógica, como uma forma de o homem chegar ao verdadeiro conhecimento de si mesmo, do bem e da verdade o que, por sua vez, o torna capaz de relacionar com as realidades que lhe são apresentadas, manifestando assim seu estado de homem livre.

O prisioneiro que se liberta das correntes e volta para ajudar seus iguais significa o papel do filósofo, aquele que tem como um dos seus objetivos libertar o máximo de pessoas da ignorância. O ambiente da caverna representa a ilusão, o erro, a ignorância e o comodismo que caracterizam nossa existência.

Essa alegoria pode ser utilizada nos dias de hoje, nos permitindo fazer uma interpretação filosófica alinhada com a realidade. É possível observar resistência na busca da verdade. Para Platão, enquanto o mundo da verdade era o mundo do conhecimento, das ideias e conceitos, o mundo sensível seria o mundo do senso comum e da opinião, tendo como base as experiências pautadas nos sentidos.

A metodologia dialógico-argumentativa proposta para o ensino de Filosofia no CEJA RCSM deve ter como princípio norteador o diálogo, possibilitando a comunicação entre professores e estudantes, a fim de favorecer aos envolvidos a oportunidade de expressarem suas opiniões, seus valores e sua visão de mundo. O professor tem papel de mediador e, ao promover o diálogo, instiga o estudante a refletir sobre suas colocações e a analisá-las. Nesse processo, faz-se necessário que

nesse diálogo sejam postos argumentos que sustentem os pontos de vista (ou convergência) colocados.

Esses argumentos podem sinalizar o nível de conhecimento do estudante em relação ao que está sendo abordado. Nesse sentido, o diálogo possibilita a reflexão dos sujeitos sobre o meio em que interagem. Tais diálogos são, por vezes, carregados de informações vindas do contexto em que os sujeitos estão inseridos. Segundo Veiga (1992, p. 16), a prática pedagógica é uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social [...].”

Ao chegarem à escola e encontrarem um ambiente favorável, os estudantes compartilham sua visão de mundo. Cabe ao professor favorecer a troca dessas informações a partir da prática dialógica, instigando argumentos que devem alicerçar seus pontos de vista e promovendo uma reflexão em torno das temáticas discutidas. A práxis, nesse caso, tem fundamental importância na condução eficaz do processo de ensino-aprendizagem.

Pensar o exercício da Filosofia na EJA exige esforço e abertura à diversidade, pois há muita controvérsia na compreensão de sua aplicação como disciplina escolar. De acordo com a legislação, a Filosofia deve ser ensinada para o exercício da cidadania. Mas através de quais conteúdos? Que cidadania seria essa? De qual educação estamos falando?

Afirmar a importância da Filosofia para o exercício da cidadania significa atribuir a ela uma significação afirmativa, mas de acordo com a sua história, ela foi mais subversiva do que garantidora da ordem estabelecida.

A Filosofia pode, de fato, contribuir para o exercício da cidadania e para a sua construção. O que ela não pode e nem deve é se limitar a isso. Definir as possibilidades e os limites para o ensino de Filosofia na EJA é condição para entender a sua contribuição no processo de formação dos seus estudantes. Mas para que possamos discutir esse ensino dentro dessas especificidades, as suas possibilidades e limites, devemos antes nos perguntar: mas o que é mesmo Filosofia?

Diante dessa problemática, faz-se necessário escolher uma perspectiva de Filosofia que permita um trabalho coerente e eficaz no ambiente do CEJA RCSM. Para que esta escolha fuja do dogmatismo e do relativismo, o professor deve informar ao estudante qual perspectiva adota, deixando claro que se trata de uma perspectiva e

que esta não é a única. É sempre salutar chamar a atenção para a diversidade filosófica existente.

Por essa razão, é muito promissor e produtivo tomar a Filosofia como criação de conceitos que possam levar ao pensamento e à experimentação do seu ensino. Por essa ciência ser uma atividade de criação, remete-nos à noção de um ensino que seja atrativo e que permita aos estudantes experiências de pensamentos, através da implementação de uma metodologia pautada no diálogo e na argumentação, que estimule o protagonismo estudantil e que possa se utilizar do processo interdisciplinar do conhecimento.

Trata de assumir uma outra postura perante o ensino. Uma postura que não implique a transmissão direta de saberes, que seriam assimilados diretamente por aquele que aprende; uma postura que não implique uma submissão daquele que aprende a aquele que ensina; enfim, uma postura de abertura ao outro, ao aprendizado como encontro com os signos e como criação. (Gallo, 2012, p. 48).

Por conta de suas especificidades, o ensino de Filosofia não pode ser visto sob o ponto de vista da didática geral e não pode ser resolvido apenas como uma questão pedagógica. Há algo que faz dela Filosofia e não ciência, religião ou opinião. É esse algo que faz com que o seu ensino precise de um tratamento filosófico, de uma didática específica, para além do pedagógico. Gallo (2012, p. 54) confere as seguintes características à Filosofia:

[...] trata-se de um pensamento conceitual: enquanto saber, ela é sempre produto de pensamento, é uma experiência de pensamento. Mas o que caracteriza a Filosofia, como veremos a seguir, é que ela é uma experiência de pensamentos que procede por conceitos, que cria conceitos, à diferença da ciência e da arte; apresenta um caráter dialógico: ela não se caracteriza como um saber fechado em si mesmo, uma verdade dogmática, mas como um saber que se experimenta, que se confronta, consigo mesmo e com os outros, que se abre ao diálogo com outros saberes, um saber aberto e em construção coletiva. Possibilita uma postura de crítica radical: a atitude filosófica é a da não conformação, do questionamento constante, da busca das raízes das coisas, não se contentando com respostas prontas e sempre colocando em xeque as posturas dogmáticas e as certezas apressadas.

Se há ensino, há didática. Se a Filosofia pode ser ensinada, há uma didática para ela. Qual é, então, o problema da didática em Filosofia? Seu estudo começa pela compreensão gradual de um determinado problema ou conjunto de problemas

filosóficos. O que é realmente o problema da liberdade, por exemplo? Como podemos formulá-la com precisão? O que está em causa? Por que razão é importante?

Uma forma de tentar compreender um problema é saber o que alguns dos grandes filósofos, clássicos e contemporâneos, pensavam sobre esse problema. Muitas vezes, verifica-se que diferentes filósofos compreenderam o problema de formas diferentes. Contrastando as formas como formularam um problema com a nossa própria compreensão do problema, enriquecemos a nossa compreensão, traçamos distinções e corrigimos confusões.

Os problemas existem para serem resolvidos e os filósofos podem oferecer soluções e teorias para resolvê-los. Temos que analisá-las com cuidado, verificar em que elas se apoiam; ver se o problema foi de fato resolvido, ou apenas disfarçado, aparecendo de outra forma. A partir dessa metodologia, o estudante pode comparar essas teorias, formar a sua opinião sobre elas e criar a sua própria teoria.

As teorias apoiam-se em argumentos e esse é outro aspecto em que a Filosofia difere das outras disciplinas. As teorias filosóficas apoiam-se quase exclusivamente em argumentos filosóficos. Como não dispõe de testes empíricos, sua proposta se concentra em refletir sobre problemas e teorias. O pensamento filosófico é sutil, por vezes muito abstrato, e apoia-se na argumentação.

Para acontecer, o ensino de Filosofia necessita de um espaço para que o estudante discuta sobre quais conhecimentos podem ajudá-los a tomar posições e a saber defender suas ideias. Mas o importante é que o estudante tome uma posição formada, compreenda o problema na causa e as respostas que os conhecimentos apresentam. Na EJA, tornar esses conhecimentos significativos facilita a aprendizagem.

O estudante de Filosofia na EJA, sendo protagonista da sua aprendizagem, pode, através do ensino, aprender a tornar a Filosofia prática, a discutir ideias filosóficas, a rever as suas posições, a considerar contra-argumentos e contra exemplos, a aprender a ver possibilidades. O ensino dessa disciplina busca qualidade e não despreza o momento da discussão filosófica.

O ensino de qualidade é o que nos faz humanos, inteligentes, curiosos, perplexos com o universo e conosco, ardentes de conhecimento, com capacidade para resolver problemas, criar teorias, avaliá-las, discuti-las e assim acrescentar um pouco mais de compreensão a tudo. A Filosofia tem uma dimensão pedagógica que

lhe é dada pelo seu carácter dialógico e analítico; pelo seu discurso crítico, racional e coerente.

São muitos os obstáculos a serem superados quanto a presença da Filosofia na escola de educação básica, pois falamos de uma Filosofia viva, produtiva e criativa. Como forma de superação de tais obstáculos, esta pesquisa apontou para três desafios que devem ser enfrentados: o primeiro diz respeito à Filosofia enquanto contrária à opinião, a qual se apresenta como única forma de vencer o caos, como disfarce da realidade, da felicidade e da liberdade, como em Platão, viver de aparências.

O segundo desafio é o diálogo da Filosofia com os outros saberes, que deve se dar pela interdisciplinaridade no currículo escolar e pela transversalidade, sendo estas características intrínsecas a essa disciplina, visto que ela não se fecha em si mesma, abre-se sempre a outrem e busca relações, de forma a conectar-se com outros saberes, com outras áreas.

A questão vital é o ensino do saber filosófico, trata-se de revitalizar a disciplina de Filosofia, de tomá-la como um empreendimento vivo e dinâmico, criada e recriada. Quem melhor que o professor dessa disciplina para cuidar dessa pedagogia, sendo este profissional também filósofo? Como forma de superação da dicotomia existente entre o professor de Filosofia e o filósofo, propomos um ensino que seja filosófico, ou não será Filosofia.

Atualmente, no Brasil, a Filosofia é uma disciplina que compõe o currículo da EJA. Tal fato nos coloca o desafio de torná-la significativa na formação dos jovens. Pensar filosoficamente o ensino de Filosofia enquanto disciplina escolar, requer a utilização de uma metodologia que possa viabilizar um trabalho pedagógico compreendido como a construção de pensamento conceitual.

A metodologia proposta nesta pesquisa sobre o ensino de Filosofia na EJA, aborda os conteúdos filosóficos de forma interdisciplinar e fundamenta-se no método socrático-platônico; assim como em seus diálogos, que demonstram a possibilidade de reconhecer a própria ignorância e conduzir o pensamento para o conhecimento verdadeiro. O método socrático busca afastar a doxa (opinião) e alcançar a episteme (conhecimento). Para Sócrates, somente após a falsidade ser afastada é que a verdade pode emergir. Sendo assim, seu método de investigação é composto por dois momentos: ironia e maiêutica.

Esse método é importante porque nos ajuda a pensar de modo sistemático e crítico, bem como a desenvolver o nosso raciocínio lógico; de modo que possamos usar nossa inteligência para resolver os problemas mais complexos possíveis. Essa estratégia de ensino de Filosofia na EJA permite ensinar aos jovens a defenderem uma posição e o seu oposto. Essa técnica argumentativa favorece o conhecimento da verdade.

O método dialético de Sócrates está ligado à sua descoberta da essência do homem como alma (*psyché*), tendo o modo consciente a despojar a alma da ilusão do saber. Como sistema de ensinamento usava o diálogo em sintonia com a razão para levar o interlocutor ao encontro da sua alma, fundamentalmente de natureza ética e educativa.

Pode-se dizer que o método de Sócrates é dividido em duas partes. Na primeira, quando é feita a pergunta, procura-se mostrar ao interlocutor a insuficiência da resposta dada e deixa-se claro que estas são sempre preconceitos recebidos, opiniões subjetivas e não a definição buscada. A isto dá-se o nome de “ironia”. A forma de levar o ouvinte a dar conta de que não sabia aquilo que julgava saber e, para melhor entender a si mesmo, era posta como finalidade de quebrar a solidez existente na própria pessoa.

A segunda parte sugere caminhos para que o interlocutor seja capaz de encontrar a resposta procurada em si mesmo. Recebe o nome de “maieutica”, pela arte de ajudar o interlocutor a se despojar de tudo aquilo que dizia saber e o que Sócrates fazia para conseguir desmascarar a pessoa e pôr à frente de sua vaidade, uma das finalidades de seu método, uma espécie de reconhecimento da sua própria ignorância. Mas isso muitas vezes tinha uma aparência negativa e até mesmo revolucionária para os cidadãos atenienses.

Por razões de método, o diálogo conduz a várias questões que não chegam a uma solução – isto para colocar o interrogado no caminho em que ele mesmo possa encontrar a solução e demonstrar a sua capacidade de uma nova visão filosófica. No entanto, é evidente que esses métodos provocam discussões ou reações indesejadas nas pessoas que dizem saber tudo. Com isso, provoca o verdadeiro efeito de purificação das falsas certezas.

Compreendo, mas não o bastante – pois me parece que é uma tarefa cerrada, esse que falas – que queres determinar que é mais claro o conhecimento do ser e do inteligível adquirido pela ciência da dialética

do que pelas chamadas ciências, cujos princípios são hipóteses; os que as estudam são forçados a fazê-lo, pelo pensamento, e não pelos sentidos; no entanto, pelo fato de as examinarem sem subir até ao princípio. Parece-me que chamas de entendimento, e não inteligência, o modo de pensar dos geometras e dos outros cientistas, como se o entendimento fosse algo de intermédio entre a opinião e a inteligência.

– Aprendeste perfeitamente a questão – observei eu –. Pega agora as quatro operações da alma e aplica-as aos quatro segmentos: no mais elevado, a inteligência, no segundo, o entendimento; ao terceiro entrega a fé; e ao último a suposição, e coloca-se por ordem, atribuindo-lhes o mesmo grau de clareza que os seus respectivos objetivos têm de verdade. (Platão, 1993, p. 313).

Assim compreende-se que o método usado por Sócrates, que compreende a ironia e a maiêutica, tem uma determinada finalidade em estar sempre colocando o homem diante de vários questionamentos, o qual leva a um processo de purificação da alma pelo conhecimento já adquirido. E põem a descobrir que ele sabe pouco daquilo que tinha intrínseco a tal conhecimento.

Ironia, nesse caso, tem um significado diferente do que conhecemos no português, tem origem na palavra grega *eirein*, que significa perguntar. No método, a ironia é o momento em que o interlocutor é interrogado. Na prática, Sócrates questionava sobre alguma ideia ou conceito, por exemplo: “O que é justiça?”. À medida que seu interlocutor lhe respondia, ele fazia outras perguntas que o faziam cair em contradições.

Dessa forma, a pessoa era levada a duvidar do assunto que julgava conhecer, até o momento em que admitia ignorância em relação ao tema. O objetivo de Sócrates não era constranger, mas purificar o conhecimento, desfazendo ilusões, preconceitos ou conhecimentos baseados em opiniões, sem fundamento racional.

A maiêutica é o final do processo, quando o interlocutor, após questionar suas ideias e concepções, reconstrói seu entendimento com ideias mais complexas. Isto é, quando ele dá à luz ao novo conhecimento. Esse é um processo que ajuda o interlocutor a despojar-se de tudo o que acredita saber, pois somente a partir do reconhecimento de sua própria ignorância poderá encontrar as respostas.

Portanto, é importante ressaltar as duas passagens dos diálogos de Sócrates pelo seu método. No qual não se encara como um mestre, porém entende que ele se limita apenas a interrogar, sem ensinar coisa alguma. Mas não se pode ver este homem de Atenas somente como um educador em que sua atividade não era outra

coisa senão ensinar através de um “método” de ensino, cuja marca foi deixada por afirmar que “não ensina aquilo que se ensina”.

Diante de tudo isso, pode-se dizer que Sócrates realmente foi um grande mestre, pelas atividades que exercia mesmo que ele não se deixasse considerar, mas sim, pelo método que usou para ensinar de forma diferente e tendo como finalidade fazer com que o homem faça suas interrogações e descubra a purificação do seu conhecimento.

Sócrates foi um filósofo ateniense que, apesar de nunca ter escrito nenhum livro, ganhou reconhecimento principalmente através dos relatos de Platão, seu discípulo. Ficou conhecido por ter criado o método socrático (através de perguntas simples e ingênuas, fazia seu interlocutor entrar em contradição) e por utilizar discursos caracterizados pela maiêutica. Após a morte de seu mestre, Platão continuou seus estudos e escreveu diversos diálogos socráticos e cartas, nos quais discute problemas morais e filosóficos, como faz na obra “A República”:

Bastará pois – continuei eu – que, como anteriormente, chamemos ciência à primeira divisão, entendimento à segunda, fé à terceira, e suposição à quarta, e opinião às duas últimas, inteligência às duas primeiras, sendo a opinião reativa à mutabilidade, e a inteligência à essência. E, assim como a essência está para a mutabilidade, está a inteligência para a opinião, e como a inteligência está para a opinião, está a ciência para a fé e o entendimento para a suposição. Quanto à analogia das coisas em que se fundam estas distinções e à divisão em dois de cada uma delas, a da opinião e a do inteligível, deixemo-las ficar, ó Gláucon, para não nos enchemos de discussão muito mais intermináveis do que as que tivemos. (Platão, 1993, p. 34).

Os métodos socráticos e platônicos têm como fundamento a mesma ferramenta. Nesse sentido, por mais que a Filosofia platônica implique em outra teorização do argumento também socrático, como é demonstrado nos diálogos, os filósofos acreditavam que a verdade poderia ser alcançada mediante o mesmo método.

A razão reorganiza as nossas ideias, não cria novos saberes, ou seja, não leva ao conhecimento, somente organiza os trabalhos que nossa mente confirma com o propósito de levar para uma evidência concreta detalhada. Assim Sócrates vislumbra que o início do conhecimento e a vontade de lembrar ocorreram por fatos que marcaram nossa vida e que estão revividos a cada momento da própria reminiscência.

O que leva à construção das ideias é o estímulo que a alma recebe por via da experiência, que faz gerar na consciência do indivíduo o próprio saber das coisas vivenciais, fato que leva ao despertar da memória, leva diretamente ao ato positivo dialogado no momento, extrai o necessário para definir uma condição usual.

Por meio do seu método de esclarecimento lógico-racional, Sócrates trabalha a questão do conhecimento aliado ao seu interlocutor, ou seja, o destino para conhecê-lo não será a construção do indivíduo na sua prática social, e sim na sua subjetividade, no seu raciocínio lógico, a prática social segue como consequência do conhecimento em função do aprendizado em reconhecer sua presunção de saber algo que não sabe, por isso, a célebre frase de Sócrates “só sei que nada sei”.

Em Platão, observa-se uma tendência mais ofensiva para despertar do conhecimento humano, desse modo, aplica-se um questionamento gradual em sua interface, filtrando o saber contido nas ideias para encontrar hipóteses referentes à ideia central. A dialética platônica reverte o que chamamos de conhecimento construído por meio da reconstrução das ideias, e repousado no conhecimento das próprias ideias fixadas, mas não rejeitadas, extraindo o mais importante fragmento dessas ideias.

Platão aprimora a teoria do conhecimento em Sócrates e aplica ao domínio da dialética, passando das esferas sensoriais para chegar ao plano puro, ou conhecimento original. Essa sensibilidade cognitiva, desde a Filosofia antiga vem sofrendo processo gradual de conhecimento. Contudo, é com a idade moderna que essas correntes sofrem acentuado nível sistemático e de interpretação. E passam a ver que o homem está entre dois mundos: o real e o ideal, sendo que os valores do mundo ideal podem atuar sobre o mundo real.

Um conjunto das ideias que apresentam entre si um mesmo significado, mas diferentes aspectos, proporciona à ideia principal referência da dialética para sair definitivamente do mundo das sombras e entrar nos conceitos inteligíveis do conhecimento racional. Platão tenta harmonizar duas tendências do mundo antigo: a Filosofia da escola eleática, com Parmênides, e a escola mobilista de Heráclito. Dividiu sua teoria racional para compreender os seres individuais e imutáveis, das sensações e ilusões para as essências e a eternidade.

As obras de Platão foram escritas em forma de diálogos, em que diferentes personagens discutem acerca de um determinado tema. Aliás, o diálogo não é apenas a forma como o filósofo se expressa, mas também o cerne de seu método filosófico

de descoberta da verdade. Para Platão, o conhecimento é resultado do convívio entre homens que discutem de forma livre e cordial.

A investigação platônica utiliza o método dialético (palavra que tem na origem a noção de “diálogo”). Esse procedimento consiste em apreender a realidade através de posições contraditórias, até que uma delas é finalmente entendida como verdadeira e a outra como falsa. A dialética platônica é um processo indutivo, que vai da parte para o todo.

No livro VII de “A República” aparece formulada a teoria das ideias. Trata-se de uma alegoria que ficou conhecida como “Alegoria da caverna”. Segundo o texto de Platão, o conhecimento do mundo sensível (o mundo que podemos conhecer através dos sentidos), é inferior à contemplação da verdade. Os homens, porém, tendo vivido sempre numa caverna, acorrentados, acreditam que as sombras que veem projetadas na parede são a verdade. Mas só é possível conhecer a verdade além de nossos preconceitos e crenças. O filósofo se liberta e vê a realidade à luz do sol.

O método dialético também é conhecido como método platônico. Platão não é nem cético, nem dogmático, mas filósofo, busca a verdade, consciente da impossibilidade de possuí-la plenamente. O mundo das ideias, o mundo das formas e o mundo dos conceitos passam a ser primordiais em sua Filosofia e dialética, pois se identificam pela busca dos valores absolutos. Para Platão, o mundo é cópia, aparência e imitação de um mundo perfeito, ou seja, mundo realmente real.

Cerca de 387 a.C., Platão funda em Atenas a Academia – sua própria escola de investigação científica e filosófica, tornando-se o primeiro dirigente de uma instituição permanente voltada para a pesquisa original e concebida como conjugação de esforços de um grupo que vê no conhecimento algo vivo dinâmico e não um corpo de doutrinas a serem simplesmente resguardadas e transmitidas.

Platão concebia a Filosofia em três disciplinas filosóficas: dialética, metafísica e ética. O estilo de Platão era imaginativo, literário, político e alegórico; seu pensamento não se limita à prática insegura e circunstancial e propõe uma investigação sistemática dos fundamentos da conduta humana. Para ele, toda ação humana deveria ser iluminada pela verdade e ser um gesto criador de harmonia, justiça e beleza.

É com Platão que os diálogos se tornam verdadeiramente um gênero literário. Eles se constituem como um drama, em que o local e a época onde se desenvolvem são indicados. A discussão ou dialética é a alma dos diálogos. Platão é o primeiro

filósofo do qual possuímos, ainda hoje, uma obra substancial, o que nos possibilita analisar e estudar seu pensamento como um todo.

A metodologia de ensino dialógico-argumentativa, fundamentada na Filosofia socrático-platônica, pretende, a partir da sua aplicação no CEJA RCSM, fornecer elementos que possam subsidiar professores e alunos, atores do processo de ensino-aprendizagem, um melhor entendimento dos conhecimentos filosóficos ensinados na EJA, de forma que as interações e significações dos seus conteúdos possam favorecer as aprendizagens.

Para tanto, será necessário que os professores estabeleçam em seus ensinamentos todas as conexões possíveis entre a Filosofia e as demais disciplinas através da interdisciplinaridade dos conteúdos estudados e produzidos pelos estudantes. Este recurso pedagógico pode ter a sua eficácia comprovada no processo de ensino-aprendizagem.

Outro elemento que esta pesquisa identificou como facilitador para o ensino de Filosofia no CEJA, além da interdisciplinaridade e da relação dialógico-argumentativa entre os atores do processo de ensino-aprendizagem, é o protagonismo estudantil, pois a disciplina em questão possui características de dinamicidade, é viva, e o seu aprendizado pressupõe a interação e o envolvimento dos estudantes na construção das suas aprendizagens.

O protagonismo estudantil parte da perspectiva de que o ensino é uma via de mão dupla e que todos têm a ensinar e a aprender. Assim, o estudante assume uma posição mais ativa no próprio processo de aprendizado e desenvolve habilidades enquanto aprende o conteúdo das disciplinas.

Pensar em uma metodologia para o ensino de Filosofia que considere a participação ativa dos estudantes em seu processo exige que o professor tenha consciência de que ensinar não é apenas transferir conhecimentos. Essa ideia de educação filosófica demanda o envolvimento dos estudantes nas decisões e projetos da escola, de forma que promova de fato a democratização do ensino, não só de Filosofia, mas de todas as disciplinas que compõem o currículo da EJA.

A metodologia proposta nesta pesquisa para o ensino de Filosofia no CEJA RCSM considera a abordagem interdisciplinar dos conteúdos estudados, fundamenta-se na Filosofia socrático-platônica e pretende, através do protagonismo dos estudantes, garantir as possibilidades das suas aprendizagens. Isso requer que pensemos na sua implementação no cotidiano da escola, pois a metodologia

demanda um planejamento detalhado e específico dos conteúdos a serem estudados na última etapa da educação básica.

As unidades didáticas caracterizadas como um conjunto de atividades estruturadas, com objetivos educativos bem definidos em relação aos conteúdos a serem estudados, representam uma sequência didática capaz de desenvolver nos estudantes, competências e habilidades exigidas para o sucesso de suas aprendizagens. Também representam uma ação pedagógica na qual todos os elementos que compõem o processo ensino-aprendizagem são organizados com coerência metodológica, objetivos bem definidos, conteúdos relevantes, propostas de atividades e avaliação em processo.

A estruturação das unidades didáticas demonstra de que modo seria possível colocar em prática as concepções expostas e defendidas nesta pesquisa, além de representar sugestões de implementação das ideias aqui colocadas, de forma que sirva de estímulo para os estudantes. Para tanto, essa estruturação pretende superar a subordinação historiográfica da Filosofia e a sistematização dos conteúdos filosóficos tradicionais e sugerir, como ponto de partida, temas e problemas para os quais a história da Filosofia seja um referencial importante.

A seleção dos temas e problemas terá que considerar o interesse e a significação na formação dos jovens e adultos que se iniciam na Filosofia. Os conteúdos são introduzidos e problematizados com base na interlocução e nas experiências dos estudantes, de forma a despertar neles a compreensão dos assuntos em pauta. A partir da utilização de textos filosóficos, pretende-se aprofundar e desenvolver estratégias interativas que deem oportunidades aos estudantes de serem protagonistas do seu conhecimento.

Através da leitura dos módulos dessa disciplina no CEJA RCSM, os professores devem provocar a reflexão e a interação dos estudantes, com base no que já foi dito anteriormente. A Filosofia se caracteriza pela postura ou atitude crítica diante do real, como forma de superação do senso comum, dos preconceitos, das ideias estabelecidas e das crenças injustificadas. Assumir uma postura crítica seria o mesmo que interrogar o que são as coisas, as ideias e os valores, significa também indagar o que justifica o seu modo de ser.

A partir da sua problematização, a Filosofia rompe com o modo cotidiano de ver o mundo, com o senso comum, com as aparências e com os enganos da vida real. A reflexão filosófica procura elucidar as experiências vividas e os seus significados,

visando aprofundar a sua compreensão. Além de problematizar o mundo que nos rodeia e as nossas relações com ele, a Filosofia nos permite questionar o conhecimento verdadeiro das coisas, ela é a própria reflexão do pensamento que interroga a si mesmo.

A Filosofia inicia a sua investigação num momento muito preciso: naquele instante em que abandonamos nossas certezas cotidianas e não dispomos de nada para substituí-las ou para preencher as lacunas deixadas por elas. Em outras palavras, a Filosofia se interessa por aquele instante em que a realidade natural (o mundo das coisas) e a realidade histórico-social (o mundo dos homens) tornam-se estranhas, espantosas, incompreensíveis e enigmáticas, quando as opiniões estabelecidas disponíveis já não nos podem mais satisfazer. (Rodrigo, 2009, p. 106).

A partir do seu nascimento na Grécia, por volta do século VII a.C., a Filosofia busca uma compreensão racional sobre a ordem do mundo, esse período ficou conhecido como cosmológico. Com Sócrates e os seus sucessores, como Platão, passa a ter preocupações antropológicas, fazendo o homem questionar sobre o significado da sua existência e das suas ações no mundo.

A partir dessa perspectiva filosófica, pretendemos, com esta pesquisa, dar sentido à vida dos jovens por meio dos seus ensinamentos, fazendo-os perceber e refletir sobre a importância das suas aprendizagens para a vida. Nesse sentido, acreditamos ser possível que, pela Filosofia, eles possam ter os esclarecimentos necessários para libertar-se das amarras do senso comum, chegando à reflexão das suas ações no mundo em que vivem.

A partir dos diálogos escritos por Platão e dos ensinamentos do seu mestre Sócrates, tivemos a intenção de fazer com que os professores e estudantes da EJA possam perceber a importância da aprendizagem em Filosofia e os seus impactos na vida em sociedade. Que pela metodologia dialógico-argumentativa eles possam interagir e protagonizar os seus conhecimentos, dando a estes os significados necessários e fazendo-os perceber que estudar Filosofia pode ser uma atividade prazerosa no contexto escolar.

Esta pesquisa sobre o ensino de Filosofia no CEJA RCSM pretendeu contribuir para as discussões e reflexões dos professores da área de Ciências Humanas nos momentos de planejamento coletivo. Com a realização deste estudo também pretendemos contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes da EJA, fortalecendo seus aprendizados, criando parâmetros filosóficos

para si e para a interpretação do mundo em que vivem, para que, de forma original e autônoma, eles possam aprender a pensar e a construir conceitos a partir da justificativa dos seus próprios argumentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como referencial teórico a Filosofia de socrático-platônica em seus diálogos argumentativos e a pedagogia de Paulo Freire, por meio do qual tratamos do ensino de Filosofia na EJA. Consideramos a interdisciplinaridade como ferramenta relevante para o processo pedagógico, pois possibilita o diálogo entre as outras disciplinas da área de Ciências Humanas e pode favorecer a superação da fragmentação do ensino, que na EJA acontece por área do conhecimento.

O problema apontado pela pesquisa refere-se às dificuldades observadas no processo de ensino de Filosofia no CEJA Raquel Castro e Silva de Miranda, quanto à assimilação, pelos estudantes, dos conteúdos ensinados nas três séries do ensino médio. Aqui, consideramos a dinâmica de atendimento dos CEJAs e propusemos, como possibilidade de solução para o problema, uma metodologia capaz de facilitar a aprendizagem dos alunos, pautada no diálogo entre os professores da área de Ciências Humanas durante os planejamentos coletivos e no protagonismo estudantil.

Dessa maneira, como forma de facilitar o acesso aos conhecimentos filosóficos na EJA, consideramos que o ensino de Filosofia, a partir da sua historicidade e dos seus temas, representa a possibilidade de conhecimento da realidade dos estudantes e os torna sujeitos reflexivos e ativos no reconhecimento de si mesmos e na construção das suas aprendizagens. Atribuímos também a este processo o despertar da consciência crítica e a ressignificação dos conteúdos ensinados.

Destacamos o processo de interdisciplinaridade como ferramenta pedagógica indispensável no CEJA RCSM, pois representa a possibilidade de comunicação com as outras disciplinas da área de Ciências Humanas e facilita a compreensão dos alunos quanto aos conteúdos ensinados, que de forma interdisciplinar, necessariamente relacionam-se entre si.

Assim, descrevemos sobre a história e o percurso legal do ensino de Filosofia no Brasil, destacamos as suas idas e vindas ao currículo da educação básica e percebemos a importância da existência de suportes legais como forma de garantia do ensino de Filosofia; dos conhecimentos que ela produz e dos seus impactos na vida dos homens em sociedade. Hoje, a Filosofia é componente curricular obrigatório na educação básica através da lei nº 11.684/2008.

Atualmente, o desafio dos professores é refletir sobre a aplicabilidade da disciplina de Filosofia no contexto educacional e sobre as possibilidades de acesso dos estudantes aos seus conhecimentos. Entendemos que a base teórica para superar esse desafio está na história da Filosofia desde o seu surgimento e na relevância dos seus temas para a vida em sociedade, com destaque para a epistemologia, a ética e a política, além da importância do papel da Filosofia na construção do conhecimento interdisciplinar na EJA.

Para a realização desta pesquisa, fizemos um apanhado bibliográfico dos conhecimentos filosóficos com base na Filosofia de socrático-platônica. Acreditamos que o ensino de Filosofia no CEJA RCSM pode representar a possibilidade de desenvolvimento do senso crítico dos estudantes e das suas reflexões acerca de si e do mundo. Destacamos como forma de viabilizar o seu ensino, o método socrático-platônico, as contribuições de Paulo Freire à EJA e o processo pedagógico da interdisciplinaridade.

Mediante o exposto, pretendemos promover a reflexão sobre o ensino de Filosofia na EJA e pensar nas possibilidades de aprendizagem dos estudantes, fazendo com que o processo de ensino tenha um percurso metodológico que facilite a aprendizagem dos conhecimentos filosóficos. Desse modo, inferimos que é por meio do diálogo que é possível ensinar e aprender Filosofia.

Por fim, a Filosofia de Platão e a sua narrativa sobre o processo de construção do conhecimento na obra “A República” (livro VII – “Alegoria da caverna”) nos leva a pensar na condição de ignorância em que vivem os seres humanos, aprisionados aos sentidos e preconceitos que impedem o conhecimento da verdade. Assim, propusemos, a partir dos ensinamentos socrático-platônicos, que os estudantes possam conhecer a verdadeira essência das coisas, possam conhecer-se e reconhecer a importância da educação e do conhecimento como instrumentos de aproximação da verdade e transformação da realidade.

Como produto desta pesquisa, que tem como tema: diálogos socrático-platônicos e interdisciplinaridade no ensino de Filosofia na EJA, elaboramos um plano de trabalho para o professor com o tema: a Alegoria da Caverna, do livro, A República de Platão (1993). Nele, propomos que as aulas de Filosofia no CEJA RCSM possam acontecer, de modo que, assim como nos outros centros, tenhamos salas de aula e avaliação.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. Campinas: Moderna, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Brasília, DF: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação (CNE). Conselho de Educação Básica (CEB). **Resolução nº 1, de 5 de julho de 2000**. Brasília, DF, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação (CNE). Conselho Pleno (CP). **Resolução nº 1, de 18 de fevereiro de 2002**. Brasília, DF, 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: Senado Federal, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação (CNE). Conselho Pleno (CP). **Resolução nº 1, de 17 de novembro de 2005**. Brasília, DF, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Brasília, DF, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação (CNE). Câmara de Educação Superior (CES). **Resolução nº 5, de 15 de março de 2011**. Brasília, DF, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC, 2017.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de Filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FAVARETTO, C. F. Notas sobre o ensino de Filosofia. *In*: MUCHAIL, S. T. (org.). **Filosofia e seu ensino**. 2. ed. São Paulo: Educ, 1996.

FONSECA, Maria de Jesus. A Paideia Grega revisitada. **Revista Millenium**, v. 9, 1998. Disponível em: <https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/769>. Acesso em: 15 MAIO 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 45. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 74. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de Filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas: Papyrus, 2012.

GARRUTTI, E. A.; SANTOS, S. R. A interdisciplinaridade como forma de superar a fragmentação do conhecimento. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 4, n. 2, 2001.

KANT, Emmanuel. **O que é esclarecimento**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MENEZES, E. T.; SANTOS, T. H. Transversalidade. *In*: DICIONÁRIO Interativo da Educação Brasileira: EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em: <https://educabrasil.com.br/transversalidade/>. Acesso em: 9 maio 2024.

MORAES, FILHO, Evaristo de. **O ensino da Filosofia no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1959.

PHILLIPS, C. **O método socrático**. São Paulo: Editora: Summus, 2009.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martin Claret, 1993.

PLATÃO. Teeteto: Crátilo. *In*: PLATÃO. **Diálogos de Platão**. Tradução do grego por Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: Universidade Federal do Pará, 2001.

RAMOS, M. Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado. *In*: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (org.). **Ensino médio integrado**: concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

RODRIGO, Maria Lúcia. **Filosofia em sala de aula**: teoria e prática para o ensino médio. Campinas: Autores Associados, 2013.

ROSSETTI, Lívio. **O diálogo Socrático**. São Paulo: Paulus, 2015.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Edipro, 2015..

SANTOMÉ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade**: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1998.

SILVA, Antônio Rogério. **Da Filosofia moderna**. Rio de Janeiro: Discursus, 2021.

VASCONCELLOS, Manoel. **Filosofia medieval**: uma breve introdução. Pelotas: NEPFIL, 2014.

VEIGA, I. P. A. **A prática pedagógica do professor de Didática**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1992.

APÊNDICE A – PLANO DE TRABALHO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NO CEJA RCSM

Como produto final desta pesquisa que tem como tema o ensino de Filosofia na EJA, apresentamos um plano de trabalho a ser aplicado pelos professores da área de Ciências Humanas. O objetivo geral é pensar uma metodologia de ensino que facilite a aprendizagem dos conteúdos de Filosofia no CEJA. Que suscite a reflexão e a discussão sobre o horizonte dialógico socrático-platônico, enquanto método de ensino. O referencial teórico é a Filosofia de Platão, a “Alegoria da caverna”, que narra a ascensão ao mundo das ideias verdadeiras, além das sombras e das ilusões. Como também a pedagogia de Paulo Freire, pelas contribuições dadas à Educação de Jovens e Adultos. Estudos bibliográficos e observação da dinâmica do ensino de Filosofia no Centro de Educação de Jovens e Adultos Raquel Castro e Silva de Miranda permitiram a realização desta pesquisa. O seu ensino é por área do conhecimento e no modelo interdisciplinar. A Filosofia é capaz de libertar da condição de ignorância em que os homens vivem, os seus ensinamentos levam ao conhecimento da verdade e a sua presença no currículo da educação básica, traz luz para o ensino e a aprendizagem das demais ciências. O ensino de Filosofia pode levar ao conhecimento da essência das coisas e despertar para uma educação alicerçada na verdade, capaz de formar cidadãos críticos e participativos.

Área do conhecimento: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Tema: A Alegoria da Caverna de Platão

Competências específicas: analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

Habilidades (EM13CHS101): identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas a compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

Objetivos: compreender o questionamento como fundamento da atitude filosófica; distinguir aparência e realidade, opinião e conhecimento, senso comum e senso crítico; exercitar o pensamento crítico contextualizado à realidade dos estudantes.

Conteúdo: A Alegoria da Caverna de Platão.

Metodologia: Promover a reflexão acerca do que é a caverna atualmente, por meio da leitura do texto e exposição introdutória do pensamento de Platão.

Recursos: Material bibliográfico: livros e textos.

Avaliação: Avaliação escrita dos módulos de Filosofia no CEJA RCSM.

Cronograma: Durante os planejamentos coletivos da área de Ciências Humanas, na quinta-feira.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC, 2017.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martin Claret, 1993.